



RelevO

MAYPOW

CA PRESENTES Maypow now

editorial

Sempre foram demais os perigos dessa vida para quem edita jornal de literatura e de papel. Primeiramente, os custos, de modo geral, são arbitrários, dependendo do governo (ou ausência de) vigente. É o combustível que sobe na bomba de um dia para o outro, é o custo sufocante de envio postal (e de não recebimento de envio postal, isso de mandar o jornal novamente, pois os Correios ZZZzzz...), são os materiais de escritórios com seus pequenos reajustes, a impactar lá no preço final da assinatura – mantemos os 50 reais anuais desde 2012 quase como auto de fé.

Depois, estamos inseridos num meio de representação cotidiana dos mais delicados (e ridículos, dependendo do ângulo). Mês passado, editamos erroneamente a data de um texto e o data-lesado disse, acerca do excelso editor, que estava a tratar com “um mero juntador de textos em papel jornal”. Não tiro a razão dele e desejo sorte ao seu próximo editor.

Outro escrevinhador, que fazia pequenos anúncios conosco em anos ímpares, ameaçou-nos de processo após uma crítica que publicamos, apontando erros e acertos do novo livro do dito cujo – “meu advogado é o René Dotti!”. Detalhe: não era um texto da redação e sim de um colaborador. E mesmo se fosse: o estado é laico, pé em deus e fé na tábua, diria Millôr.

Naturalmente, os nossos desafetos – a maior parte com o aluguel atrasado, como nós –, podem arregimentar outras histórias, na estratégia da lama ao caos. Diremos em coro que tudo se trata de vaidade, isso de querer transformar gordura em sabor de noz.

Por fim, o dinheiro que circula na nossa casa editorial advém apenas de anunciantes e de assinantes. Os assinantes, aliás, correspondem a 70% do nosso faturamento. Nunca utilizamos dinheiro público e nunca será. O que entra paga regularmente os custos: os especialistas da área dizem até ser isso um mérito.

Somos em seis cabeçudos na logística toda, alguns com remuneração simbólica, cada qual fazendo seu esforço para a edição sair no começo de cada mês, dentro das nossas limitações de braço e de intelecto. O jornal atrasa por causa daquela instituição pública que logo não mais daremos o nome – e também por oscilações de caixa, o que nos entristece, pois ficamos sem ter em quem colocar a culpa.

Por que, então, seguir imprimindo jornal? Temos o impacto ambiental. Temos a vida digital. Ninguém lê mais literatura. E se o jornal publicasse notícias e fizesse reportagens? Já pensaram em só ter uma edição digital?

Bem, acreditamos que fazemos jornal porque a nossa vida é gentilmente feita de amores ruins – e às vezes se ganha moralmente o jogo na primeira dividida.

disso de dinheiro

Assinantes: R\$ 365 Editora Penalux; R\$ 100 Josiane Bibas; Alexandre Costa; Luiz Witiuk; R\$ 60 Cardial AV; R\$ 50 Susan Blum Moura; Bruno Gaudêncio; Raquel Pedroso Gomes; Danilo Brandão; Anderson Henrique Gonçalves; Zaclis Veiga; Marília Saenger Santos; Alex Xavier; Március Moreal; Leandro de Oliveira Lopes; Rafael Reginato; Rogério Koppe Rolim; Bianca Ogliari; Marília Gonçalves; Sérgio Czajkowski Jr.; Clauco Oliveira; André Giusti; Everaldo Ygor; Jaqueline Ribeiro da Mata; Giovani Izidório Cesconetto; Rodrigo Madeira; William Okubo; Vinicius Tchê Ferreira; Dagmar Spring; Silas Correa Neto; Olga Camargo; Luciana Iser Setúbal; Lucia do Valle; Miyuki Kurosawa; Fernanda Cercal Odppes; Idianara Lira Navarro; Luciana Possale Vassoler; Nelson Sabbagh; Lilian Velleda; Ezequiel Theodoro da Silva; Ricardo Pedrosa Alves; Lucas Leite; Alexandre Brandão; Jiro Takahashi; Clarissa Macedo; Sandro Dalpícolo; Alessandro Andreola; Paula Zarth Padilha; Thomaz Ramalho; Bruna Meneguetti Figueiredo; Magno Van Erven; Newminha Cynthia; Raquel Naveira; Bernardo A. de Almeida; Paulo Souza; Paulo Parucker; Dirce Waltrick do Amarante; Cida Sepulveda; Ana Justi; Teresa Silva; Fred Vidal; Felipe Pauluk; Edson Godinho; Faustino Rodrigues; Cardoso Douglas; R\$ 30 Pamela Nunes; R\$ 20 Jeison Heiler (Total: R\$ 3.775)

Anunciantes: R\$ 25 Banca Tatuí; Café Com Livros; R\$ 50 FISK; Farmácia Ehlkefarma; Estação Brasil; Toda Letra; R\$ 100 William Soares; Editora Penalux (Total: R\$ 400)

Gráfica: R\$ 1.500

Distribuição Curitiba, RMC & PG: R\$ 900

Assinantes & Pontos de Distribuição: R\$ 1.200

Material de escritório: R\$ 200

Taxas PayPal: R\$ 20

Redes ditas sociais: R\$ 60

Domínio mensal e metafísico: R\$ 12

Custos totais: R\$ 3.892

Receita total: R\$ 4.225

Balanço de março de 2018: R\$ 333

erratas

Março foi um mês rude. Na página 24 da edição passada chamamos a Teresa Lauretis de Teresa Laurentis e, na ex-coluna do Gutemberg Medeiros, dissemos que o livro *Na Rua: Antonio Pastore* foi lançado em 2018, quando, de fato, foi lançado lá em 2009. Nossos pêsames, leitor, pela falta de checagem jornalística.

imagens dessa edição

As ilustrações desta edição são do Alexandre De Maio. Você pode conferir mais do trabalho dele em alexandredemaio.myportfolio.com

assine/anuncie

Somos um impresso sem fins lucrativos que sobrevive apenas por dois meios: assinantes e anunciantes. Fale conosco no contato@jornalrelevo.com e combine de receber o jornal mais aleatório do Brasil em casa ou divulgue seu trabalho, sua marca, seus projetos culturais.

publique

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** abarca projetos acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas, ameaças inbox. Mande seu material para contato@jornalrelevo.com.

CAIXINHA DO GATO

Elton Mesquita Assino 1 jornal literário pra dar uma moral pros caras. 1º número que recebo tem um artigo do Ricardo Lísias falando que cânone literário é só reflexo do poder da classe privilegiada.

Jô Palha Tenho em mãos o **RelevO**, na mesa um pão integral, café quente, ovo frito (de X em quando), um ideal, dinheiro para comprar livros, amizade dos amigos sinceros e bom humor, assim eu vou levando. O **RelevO** chegou hoje lá na Caixa Postal, e eu estou alegre às pampas. Já gostei do que o Lísias escreveu: “Quem manda na minha leitura sou eu, apenas eu leio do jeito que quero”.

Cida Sepúlveda Recebi, enfim, os exemplares do **RelevO**. Gostei dos tamanhos, da espontaneidade como estilo. Excelentes a entrevista com o quadrinista José Aguiar, os poemas de Georg Traki (tradução de William Teca) e o trecho do livro de Maria Valéria Rezende, a escritora tem força. Sugiro que leitores escrevam sobre livros e que passagens de livros sejam curtas para não pesarem aos leitores. Muito grata.

Onófrío Delarte Não aguento mais esse ombudsman progressista e “crítico”.

Rubens Jardim O escritor Ricardo Lísias escreveu coisas deliciosas na sua página de ombudsman da última edição do **RelevO**. Destaco estas: “Quem manda na minha leitura sou eu, apenas eu e leio do jeito que quero... Quando estamos diante da arte, não existe nenhum tipo de opinião errada... Não digam aos seus alunos, por favor, que eles não entenderam um poema... Um professor que diz para um aluno que ele não entendeu uma obra literária é um autoritário... Se a gente não aceitar a interpretação de um adolescente para um poema, podemos estar agredindo algo de muito íntimo e importante para ele... no mínimo vamos afastá-lo da literatura.”

CAPA DO RROCHA

Fernanda Telles Meimes Que lindeza de capa da edição de março!

Rodrigo Chimenes Pinto O Fabio rabiscava meus cadernos! Se soubesse, não tinha usado os cadernos dele pra enrolar os brew.....

EXPLICAÇÕES

Fernando Severo A Enclave não volta mais? *Do editor da Enclave: Volta em abril!*

OLOKO

Giséfia Pereira RelevO: sempre o melhor em tudo que se propõe a fazer.

Matheus Peleteiro RelevO, o jornal mais resistência que eu conheço.

Tarso de Melo Parabéns pelo **RelevO**. Conheço o trabalho de vocês. No mês passado ganhei um exemplar e me chamou atenção mesmo a transparência com relação ao financiamento do jornal.

Leonardo Mathias Recebi o jornal e estou lendo aos poucos nas paradas pros cigarros e gostando muito, demais o trampo de vocês, parabéns!

Flávio Melo Achei linda a arte do jornal. Sou do norte do Paraná... Cabe literatura nesse jornal? *Da redação: Não apenas cabe, como é do nosso grugrumilo publicar autores fora dos ditos centros.*

CORREIOS NOW OR NEVER

Luiza Cantanhêde Adoro o **RelevO**, nem mesmo a inoperância dos Correios apaga a alegria de recebê-lo.

Mateus A. Nedbajluk Os Correios têm trazido boas novas. **RelevO**, muito obrigado!

Alexandra Vieira de Almeida Chegou aqui em casa a linda e caprichada edição do **RelevO**, do qual sou assinante. Um conteúdo de qualidade em uma publicação que faz a diferença. Obrigada por esta oportunidade de ser mais uma leitora desse excelente jornal. Um grande abraço.

Laercio Silva Não recebi a edição de março do **RelevO**, contudo não venho fazer uma reclamação, sei que a greve dos correios motivou este atraso, apenas comunico que mesmo assim li a edição pela via virtual, pois a leitura do periódico demanda a minha atenção, pela qualidade em revelar a literatura dos dias correntes sem maquiagens.

Rojefferson Moraes Chegaram em casa as edições de janeiro e fevereiro do **RelevO**. Trampo foda que me deixa super feliz quando recebo. Mas dessa vez veio com algo a mais. Cheguei em casa e meu filho gritou: “Papai! Papai! Chegaram dois jornais **RelevO** pra você!”. E cá estamos folheando os impressos.

Iammila Monteiro Acabou de chegar pra mim a edição de março do **RelevO**. Apesar de toda essa problemática dos Correios, está chegando dentro do prazo. Já não posso falar o mesmo de outro jornal que eu era assinante e tive que cancelar a assinatura porque não aguentava mais mandar e-mail todo mês informando o não recebimento do jornal, cansada da mesma desculpa de sempre. Sinal de que as entregas no meu endereço estão funcionando, então não é só problema dos Correios, não é mesmo?

Roberto Dutra Jr. Das coisas que chegam pelo correio: o envelope do **RelevO** vem como presente de Natal.

Claudia Lopes Borio O melhor ainda é dizer com sinceridade: ASSINE UM DOS MELHORES

JORNAIS LITERÁRIOS EM PAPEL!

MENOS PEDRAS

Eldes Ferreira Falou que é de literatura, tem nosso apoio, admiração e incentivo!

Rafael Nolli Assinei o **RelevO**. Ótima publicação literária, com belos poemas e arte gráfica fina. Um poema meu já foi publicado em uma edição de anos atrás, desde então acompanho o jornal.

Sófos Efe Sou apaixonada pelo **RelevO!** Agradecida por essa luta diária.

Thiago Alexandre Tonussi Porque Meus Passos São Palavras Lidas. Fica a dica: **RelevO**.

Evanilton Gonçalves Um jornal bacana feito por gente bacana. Leiam, assinem, contribuam. Recomendo.

Felipe de Medeiros Inusitado, isso aqui de jornal! Acabei lendo o que saiu em março, curti muito. E já são mais de 7 anos.

Leon Levy Ainda bem que existem pessoas lúcidas e inteligentes que trabalham em prol da cultura no Brasil. Parabéns, amigos!

Sérgio Rodrigues Parabéns pelo trabalho, sei o quanto tem de heróico.

Wanda Monteiro Eu assino o **RelevO**. Leiam. Sentirão vontade de assinar.

Selma Rezende Parabéns! Na era da internet, um jornal de papel é uma vitória.

PET SHOP MUNDO CÃO

Fátima Mohamed Abrão Mundo cão de estimação esse de jornal de papel!

Valdinar Monteiro de Souza Não sou leitor de texto digital. Se gosto de algo da internet, logo imprimo. Amo jornal, revista e livro no papel, impresso! Tenho uma relação apaixonada com o material impresso. Não sei explicar, mas a tenho. Isso basta. Outra coisa: tenho convicção de que o digital não substituirá nem sucederá o impresso, assim como a televisão não substituiu nem sucedeu o rádio.

Homero Gomes Vida longa pro **RelevO**. Trajetória linda.

Cristina Bresser O **RelevO** de março está sensacional! Tem conteúdo lírico de excelente qualidade e tem sarcasmo de alto nível também.

POEMETOS

Antônio Souza Vocês deveriam publicar menos poemas. Pulo todos.

Locais Relevantes

Este espaço é dedicado aos estabelecimentos que colaboram com a distribuição do ReleVO por esse brasilão de meu Deus.

Traga o seu lugarzinho para cá também! Saiba como: contato@jornalrelevo.com.br



Banca Tatui

www.bancatui.com.br
Desenho por Ângela León



facebook.com/cafecomlivroscafeteria/

Pontos de distribuição do jornal ReleVO pelo Brasilão doido

Relief journal distribution spots around the Brazilian crazy lands

PARANÁ • Curitiba Agendarte Livros / Ao Distinto Cavalheiro / Ave Lola Espaço de Criação / Baba Salim / Bar Avenida / Bar Baroneza / Bar do Dante / Bar Ornitorrinco / Bar Fidel / Bar Pedro Lauro / Bar Stuart / Bec Bar Lanchonete / Bixa Basilio Café / Bodeguita / Botanique / Bristol Hotel / Brooklyn Café / Café Avenida / Café Tiramisu / Café do Mercado / Café do MON / Café do Teatro / Café Lisboa / Café Mafalda / Café Mitre / Café do Viajante / Caicara Curitiba / Capela Santa Maria / Caramelodrama / Casa Artes Visuais / Casa das Bolachas / Casa Verde Beer Bar / Centro Europeu / Chelsea Café / Choripan / Creative Mornings / Dizzy Café Concerto / Doce Morena Bistrô e Café / Empório Kaveh Kanes / ESA / Expresso Café / Faculdades Facel - Pedagogia e Letras / Faculdades Santa Cruz - Balcão / Fazenda Rancho Flora Café / Feira do Poeta do Largo da Ordem / Fingen Café / Fundação Cultural de Curitiba / Gerência Fatois do Saber / Galeria Ponto de Fuga / Hotel Slaviero Full Jazz / Itiban Comic Shop / Joaquim Livraria / Kapele Bar / Kikos Bar / Le Mundi Café Terapêutico e Livroteca / Livraria Arte & Letra / Livraria do Chaim / Magnólia Café / Mercaria Fantinato / Museu Oscar Niemeyer / Museu Guido Viaro / Nobresy Pan / O Torto Bar / Paniciello / Panificadora Quintessência / Provence Boulangerie / PUC - Letras / Rádio Cultura / Rause Café e Vinho / Restaurante Mamba / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Selvática Ações Artísticas / SINDIJOR / SISMUC / Solar do Barão / Supernova Coffee / Teatro Lala Schneider / Teatro SESI Portão / TUBOTECA / UNIBRASIL - Jornalismo / Universidade Tuiuti - Jornalismo / UP Mossunguê - Jornalismo / UP Santos Andrade - Recepção / UTFPR - Sala dos Professores • **Araucária** Arquivo Histórico Municipal / ASPMA / Banda Municipal / Bar do Tiko / Câmara Municipal / Casa do Artesanato / Casa da Cultura / CEU / Colegio SESI / Duetto Café / Escola Municipal Terezinha Mariano Theobald / Exato Cursos Pré-Vestibular / FANEESP / FISK / Loteria Zanella / Memorial de Araucária / Museu Tingüi-Cuera / Núcleo Cultural do CAIC / Panificadora Vitality / Panificadora El Grano / Papelaria Reginelly / Panificadora Sol / Prefeitura Municipal / Rádio Iguaçu / Secretaria de Cultura / SISMMAR / Teatro da Praça • **Campo Largo** Casa da Cultura / Inspirarte Centro Cultural / Museu Municipal • **Castro** Espaço Cultural Casa da Praça / Casa da Cultura Emilia Erichsen • **Contenda** Biblioteca Pública Municipal / Escola Municipal Vanilda Dzierva / Panificadora Gaspar / Panificadora Schindto / Prefeitura Municipal • **Cruzzeiro do Sul** Espaço Cultural Profeta Tomoyuki Harada • **Guarapuava** Gato Preto Discos & Livros / UNICENTRO • **Lapa** Centro Receptivo Turístico / Livraria & Papelaria Nanise / Mundo da Leitura / Panificadora Zeni • **Londrina** UEL / Coletivo Versa / Nosso Sebo • **Lunionópolis** Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Lupionópolis • **Palmeira** Supermercado Eurich / Secretaria de Educação / Secretaria de Esporte e Cultura • **Piraquara** Livraria e Editora Joaquim Maria / Livrarias Nobre Cultura • **Ponta Grossa** Boteking / Garimpo 1926 / Livraria Curitiba - Shopping Palladium / Livraria e Papelaria Universo da Leitura / Sebo Espaço Cultural / UEPG - Jornalismo e Letras / Verbo Livraria 1 e 2 • **Santa Isabel do Ivaí** Secretaria de Educação e Cultura de Santa Isabel do Ivaí • **São José dos Pinhais** SESI / Secretaria de Cultura / Museu Atilio Rocco / Freguesia do Livro - Shopping São José • **Sarandi** Café com Livros • **Umuarama** Restaurante e Lanchonete Tio Patinhas • **SANTA CATARINA** • **Florianópolis** UFSC / Livraria Livros & Livros / CIC • **Itaiópolis** Centro de Recepção de Visitantes • **Itajaí** Univale • **Jaraguá do Sul** Bar do Nens • **Joinville** Barba Ruiva Livros & Discos • **Porto Alegre** Livraria Bamboeltras / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria • **Bento Gonçalves** Dom Quixote Livraria & Cafeteria • **Santa Cruz do Sul** Casa das Artes Regina Simonis • **São Francisco de Paula** Miragem Livraria • **SÃO PAULO** • **São Paulo** ABER - Associação Brasileira

de Encadernação e Restauro / Banca Tatui / Blooks Livraria SP / Café Raiz / Casa das Rosas / Casa do Povo / Casa Guilherme de Almeida / Comix Book Shop / Escola Macunaima de Teatro / Estúdio Lámina / Faculdade Sumaré-Letras / Galeria Hipotética / Intermeios Casa de Arte e Livros / Livraria Reserva Cultural / Livraria Zaccara / Matilha Cultural / PUC Sumaré-Letras / SESC Pompeia / Tapera Taperá / Teatro do Centro da Terra / Teatro São Pedro / UGRA PRESS • **Araçatuba** Sebo Dom Quixote • **Araquara** Casa da Cultura / Palacete das Rosas • **Campinas** Torta • **Franca** Confraria Cult • **Ribeirão Preto** Fundação Observatório do Livro e da Leitura • **Santo André** Gambalaia Espaço de Artes e Convivência • **RIO DE JANEIRO** • **Rio de Janeiro** Academia Brasileira de Letras / Blooks Livraria / Casa do Choro / Espaço Oito e Meio / Espaço Saracura / Livraria da Editora da UFRJ / Livraria Leonardo da Vinci / Observatório de Imprensa • **Itaipava** Livraria e Bistrô de Itaipava • **ESPIRITO SANTO** • **Vitória** Torre de Papel • **São Mateus** Livraria Sebo & Arte • **MINAS GERAIS** • **Belo Horizonte** Armazém do Livro / Ateliê Estratégias Narrativas • **Juiz de Fora** Espaço Excalibur / FLUX • **Uberlândia** UFU • **DISTRITO FEDERAL** • **Brasília** Banca da Conceição / Caixa Cultural A/C Marília Saenger / Ernesto Cafés Especiais / Livraria, Café e Bistrô Sebinho / Rapport Cafés Especiais e Bistrô • **Ceilândia** Projeto Jovem de Expressão • **Taguatinga** ONG Moradia e Cidadania • **BAHIA** • **Salvador** Livraria Boto-Cor-de-Rosa • **ALAGOAS** • **Maceió** Casa de Cultura Luso-Brasileira • **PARAÍBA** • **João Pessoa** Viveiro Pirata / Quintal Armorial / A Budega Arte Café • **PERNAMBUCO** • **Recife** Centro Cultural Raimundo Carrero / Clandestino Café / Livraria Idéia Fixa • **Olinda** Estação 4 Cantos Galeria & Café • **PIAUI** • **Teresina** Casa da Cultura / Café da Gota Serena / Espaço Artístico e Galeria Sobrado / Espaço Galpão • **AMAZONAS** • **Manaus** O Alienígena Aercero e Espaço Cultural • **PARÁ** • **Belém** Fox Video • **MARANHÃO** • **São Luís** AMEI - Associação Maranhense de Escritores Independentes / Academia Ludovicense de Letras / Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro

Projeto Adote uma Biblioteca

Adopt Some Library project

PARANÁ • **Curitiba** Biblioteca da SEPT / Biblioteca da UniAndrade / Biblioteca da Universidade Tuiuti / Biblioteca da UP / Biblioteca da UTFPR / Biblioteca de Ciências Humanas da UFPR / Biblioteca do Bosque Alemão / Biblioteca do Colégio da Polícia Militar do Paraná / Biblioteca do Paço / Biblioteca Graciosa Country Club / Biblioteca Hideo Handa / Biblioteca Pública do Paraná / Bondinho da Leitura / Casa da Leitura Augusto Stresser / Casa da Leitura Dario Vellozo / Casa da Leitura Hilda Hillst Casa da Leitura Jamil Sneege / Casa da Leitura Laura Santos / Casa da Leitura Manoel Carlos Karam / Casa da Leitura Marcos Prado / Casa da Leitura Maria Nicolas / Casa da Leitura Miguelt de Cervantes / Casa da Leitura Nair de Macedo / Casa da Leitura Osman Lins / Casa da Leitura Paulo Leminski / Casa da Leitura Vladimir Kozák / Casa da Leitura Walmar Marcellino / Casa da Leitura Wilson Bueno / Casa da Leitura Wilson Martins / Farol das Cidades / Farol do Saber Antônio Machado Farol do Saber Aparecido Quinaglia / Farol do Saber Aristides Vinholes / Farol do Saber Emílio de Menezes / Farol do Saber Frei Miguel Bottacin / Farol do Saber Gibran Khalil / Farol do Saber Machado de Assis / Farol do Saber São Pedro e São Paulo / Farol do Saber Tom Jobim / Gerência Fatois do Saber / Gibiteca Jardim Pinheiros • **Adrianópolis** Biblioteca Cidadã Helena Kolody • **Ampere** Biblioteca Cidadã Professora Cremilda Viana • Araçongas Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis • **Araucária** Biblioteca Pública Emiliano Perreta / Casa das Palavras

Brincantes • **Cambé** Biblioteca Pública de Cambé • **Campo Mourão** Biblioteca da Indústria do Conhecimento • **Cantagalo** Biblioteca Pública Municipal Valdemiro José Bona • **Cascavel** Biblioteca Pública Sandálio dos Santos • **Castro** Biblioteca Cidadã Prof.ª Nelsi Kugler • **Doutor Camargo** Biblioteca Cidadã Professora Eliza Regina Castanheira de Santana • **Lobato** Biblioteca Municipal Castro Alves • **Marechal Cândido Rondon** Biblioteca Cidadã Alice Weirich • **Maringá** Biblioteca Prof. Bento Munhoz da Rocha Netto / Gerência do Livro, Leitura e Literatura de Maringá • **Maripá** Biblioteca Pública Cidadã Prof. Marlene Alenbrant • **Nova Fátima** Biblioteca Cidadã de Nova Fátima • **Ourizona** Biblioteca Cidadã Prof.ª Ivete Aparecida Zaninelo Bosen • **Palmeira** Biblioteca Municipal Moisés Marcondes • **Pato Branco** Biblioteca Municipal de Pato Branco • **Piñen** Biblioteca Municipal Professora Helena Braun / Biblioteca Pública Municipal de Piñen A/C Eber Godói • **Pinhais** Biblioteca Pública de Pinhais • **Ponta Grossa** Biblioteca Pública Municipal Professor Bruno Enei • **Pontal do Paraná** Biblioteca Pública Municipal Abílio João Vizzotto • **Rio Branco do Sul** Biblioteca do Colégio Manoel Borges de Macedo • **Rolândia** Biblioteca Cidadã Michael Trauman / Biblioteca Professor Eduardo Kasperski / Biblioteca Professor José Antônio Gorta / Biblioteca Pública Rui Barbosa / Biblioteca SESI Indústria do Conhecimento • **Santa Mariana** Biblioteca Pública de Santa Mariana • **Terra Boa** Biblioteca Cidadã de Terra Boa • **Teixeira Soares** Biblioteca Municipal Cidadã de Teixeira Soares • **Tibagi** Biblioteca Pública Municipal Historiador Luiz Leopoldo Mercer • **Toledo** Biblioteca Pública Municipal de Toledo • **União da Vitória** Biblioteca IFPR de União da Vitória • **RIO GRANDE DO SUL** • **Porto Alegre** Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul • **São Paulo** Biblioteca Pública Alceu Amoroso Lima / Biblioteca Mário de Andrade • **Arujá** Biblioteca Municipal de Arujá • **Taubaté** Coordenadoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da UNITAU • **RIO DE JANEIRO** • **Niterói** Biblioteca Popular Anísio Teixeira • **ESPIRITO SANTO** • **Vitória** BPES A/C Rita de Cássia / Biblioteca Pública Municipal de Vitória • **Caricacia** Biblioteca Pública Municipal de Caricacia • **Vila Velha** Biblioteca Pública Municipal Vila Velha • **MINAS GERAIS** • **Juiz de Fora** Biblioteca Pública Murilo Mendes • **Ituiutaba** UFU - Biblioteca Setorial Ituiutaba • **Monte Carmelo** UFU - Biblioteca Central Santa Mônica / UFU - Biblioteca Setorial Umuarama / UFU - Biblioteca Setorial Educação Física / UFU - Biblioteca Setorial Hospital de Clínicas • **BAHIA** • **Salvador** Biblioteca Betty Coelho / Biblioteca Pública do Estado da Bahia • **Caxias** Biblioteca Pública Odylo Costa • **PERNAMBUCO** • **Recife** Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiaras • **PIAUI** • **Teresina** Biblioteca Pública Estadual Desembargador Cromwell de Carvalho • **ACRE** • **Rio Branco** Biblioteca Estadual do Acre • **MARANHÃO** • **São Luís** Biblioteca Pública Benedito Leite / Biblioteca Central da UFMA • **PARÁ** • **Belém** Biblioteca Comunitária Antonio Tavernard • **RORAIMA** • **Boa Vista** Biblioteca Pública do Estado de Roraima

APOIADIDOS

Alexandre Guarnieri	Rio de Janeiro
Maurício Limeira	Rio de Janeiro
Ana Paula Oliver	São Paulo
Lis del Barco	São Paulo
Maria Carolina de Bonis	São Paulo
Tchello Barros	São Paulo
Daniel Osiecki	Curitiba
Flavio Jacobsen	Curitiba
Jaciara Carneiro	São José dos Pinhais
Joseani Ribas	Curitiba
Mara Lima	Curitiba
Samantha Abreu	Londrina
Jeison Giovanni Heiler	Jaraguá do Sul
Dinovaldo Gilioti	Florianópolis
Demétrios Galvão	Teresina
Joseani Netto	Santos Dumont (MG)

APOIADORES são assinantes do ReleVO que nos auxiliam na divisão de custos da distribuição, levando o nosso periódico até cidades onde as nossas mãos não alcançam.

Infográfico por: Bolivar Escobar

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?

ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

ENCONTRA O RELEVO EM TUA CIDADE

Find Relief Journals in your city

Confira mais informações em www.jornalrelevo.tumblr.com e medium.com/jornalrelevo

A polícia da literatura e as polícias

Outro dia recebi um comentário feito no Twitter sobre uma das minhas últimas colunas para o **RelevO**. Para indicar constrangimento ou um certo desespero cafona, a pessoa reproduzia sem aspas algo que eu teria dito aqui. Embaixo colocava a imagem de uma mulher com o rosto em desespero, as mãos na cabeça e um cigarro entre os dedos e o cabelo, quase colocando fogo no loiro oxigenado. É uma estética dos anos 1980. O espanto se dá porque eu teria dito que o “cânone literário é só reflexo do poder da classe privilegiada”. As aspas agora são minhas e indicam o que o tuíteiro afirma que eu afirmei.

Enfim, se colocada no contexto da coluna, minha afirmação não tem absolutamente nada demais. Ela apenas ecoa as discussões de uma crítica que vai de Walter Benjamin a Jacques Derrida, passa por Silviano Santiago e Roberto Schwarz, Richard Rorty e seja lá qual outro nome o leitor quiser. Trata-se de uma das principais discussões das últimas décadas não apenas na teoria literária como em todo o pensamento de ciências humanas. Eu afirmei uma banalidade.

Como se pode ver, a figura não tem noção de coisa alguma. Trata-se de um fenômeno muito comum no mundo contemporâneo: sem nenhum conhecimento, fulano vai a uma rede social, diz qualquer negócio e logo uma manada o segue, engrossando o caldo do besteiro. Meu exemplo é singelo e na verdade serve apenas para mostrar

que comportamentos como o de espalhar que uma militante de direitos humanos tinha ligação com o Comando Vermelho e uma exposição de arte promove pedofilia estão muito mais próximos da gente do que às vezes parece. E do mesmo jeito, a figura que acha estar defendendo algum tipo de tradição que jamais existiu para além de sua empáfia está bem mais perto do fascismo, como dizem Umberto Eco e Timothy Snider, do que às vezes parece.

No início de março, estive em um debate de lançamento de uma revista sobre a ditadura militar brasileira. Conversamos eu, o MC Leonardo, responsável por grandes movimentos culturais em algumas comunidades cariocas, e Rick Goodwin, jornalista que participou da equipe que criou e fez o *Pasquim*, um dos nossos últimos espaços de resistência verdadeira à barbárie na imprensa. Dois dias depois, enquanto esperava a esposa em uma estação de trem, Goodwin foi espancado pela polícia carioca e perdeu dois dentes. Até agora ninguém sabe os motivos da agressão.

O que dá força e motivação para a polícia fazer isso e coisas ainda piores, como as contínuas chacinas e o genocídio da população negra e pobre do Brasil, são os micropoliciamentos que as pessoas realizam por aí. É um clichê, eu sei, mas às vezes eles servem muito bem: primeiro, é a gente que tem que mudar.

Roseana Murray

Cidade Desconhecida

Há na mala
um espaço
vazio
para a cidade
desconhecida,
suas pedras
e horizontes,
o casario,
seus telhados
e rumores de voos
e gatos.
Um espaço vazio
para a árvore
que o olhar aninha
e carrega.
Há na mala
do viajante
um espaço
vazio
para o imponderável,
o acaso,
as esquinas
e seus esboços,
para os encontros

Poema integrante de *Poemas para metrônomo e vento*,
Editora Penalux, 2018

SEU NOVO PORTAL DE CULTURA



**OUÇA.
LEIA.
ASSISTA.**

cultura930.com.br

Rádio Cultura
CURITIBA 930KHZ

Bruno Mendonça

O torneio

Foi na esquina da Marnoco e Sousa com a Dr. Júlio Henriques, no Bar do Borges. O ano, penso que 2015. Era a final do campeonato de sinuca e o pequeno estabelecimento mal suportava a quantidade de estudantes que se apinhava ali, uns em cima dos outros, ao redor da mesa. O barulho intenso de risos, gritos e choque de copos invadia a rua silenciosa, às duas da manhã, e ecoava por ao menos dois quarteirões acima, subindo na direção do Penedo. Quem entrasse por último não acharia possível dar um passo a mais em meio aos corpos que se apertavam, mas, no final, sempre cabia mais um. Uma vasta e densa fumaça de cigarros se acumulava no teto, dando ares de neblina às fracas luzes da casa. Todo ano seu Borges colocava os móveis nos cantos e trazia a mesa que jazia sob o pó da garagem. As bolas, de tão velhas, perdiam a tinta, e a branca tinha traços pretos e indeléveis que algum inconsequente havia desenhado.

Durava cada vez mais aquela confusão, porque todo ano aumentava o número de participantes. Havia estudantes, professores e funcionários da Universidade de Coimbra tentando a sorte. Neste ano, cinco finais de semana foram necessários para se chegar aos dois últimos contendores. Arthur, detentor do título, graduando de História, jogava com os incentivos da namorada, a francesa Delphine, que, com a cabeça cheia de imperiais consumidos ao longo de mais de cinco horas, soltava, vez por outra, palavrões em sua língua pátria, logo encobertos por uma saraivada de impropérios lusitanos. Jorge, quarto ano de Medicina, argentino alto como um tronco de árvore, nunca participara de uma final, mas tinha naquele ano eliminado com extrema eficiência todos os seus adversários, que não foram poucos. Ao contrário do seu oponente, que começava a ficar um tanto vermelho por conta das taças de vinho consumidas ao longo do torneio – Jorge não ingeria álcool. Em compensação, fumava um cigarro atrás do outro.

A excitação era intensa. A partida ganhava ares de final de Copa do Mundo. Delphine, namorada de Arthur, de postura selvagem por trás dos olhos pequenos e pretos, explodia a cada vinte minutos para reclamar dos cigarros: Mais arretez cette fumée de merde, connards!, ao que se seguia um murmúrio incompreensível de expressões confusas, oooooooooo páááá, ôôôô conarda é tu, ó parva! – e a fumaceira

continuava. A gritaria somente se suspendia um pouco em duas ocasiões: quando chegava uma nova rodada de cerveja, que Maria trazia a muito custo, equilibrando a bandeja acima da cabeça, sob as orientações já não tão seguras do velho Borges, bêbado, os cotovelos no balcão, a observar a partida com seus olhos turvos; ou quando um dos competidores se preparava para dar sua tacada. Era um instante de silêncio, como se estivessem todos na quadra central de Roland Garros, apenas entrecortado pelas vozes da francesa, que nesse instante encontrava sempre o que dizer, ainda que ninguém a compreendesse. Depois tudo voltava ao normal, as mesmas vozes altas, o tilintar dos copos, os gritos e conversas intermináveis, a variação nos valores das apostas sendo lançadas aos gritos de uma ponta a outra do bar, com o Pedro, um sujeito de óculos embaçados pelo suor, que se mantinha em pé em cima de uma mesa, a anotar no seu caderninho o aumento ou a redução de euros envolvidos na jogatina.

A partida estava difícil para Jorge. Nunca chegara tão longe no torneio e aquela euforia mexia um pouco com seus nervos. Começou sendo praticamente massacrado, o adversário distanciando-se com segurança na pontuação. Depois, da metade da partida em diante, Arthur perdera a concentração, permitindo que o argentino se aproximasse, de tal forma que a mesa agora se esvaziava com equilíbrio, e as bolas eram encaçapadas de ambos os lados. O nervosismo não permitia que qualquer dos oponentes se impusesse e terminasse o jogo de uma vez. Erravam-se tacadas fáceis e, em lances mais difíceis, algumas vezes, ocorriam pequenos milagres. A torcida seguia as emoções do jogo como o par de uma dança envolvente, com rompantes de alegria e momentos de decepção, a depender das afinidades, e, à medida que se reduzia quase a zero o número de bolas, a tensão atingia o ápice.

Os derradeiros movimentos eram acompanhados por um silêncio profundo. A bola branca batia com violência nas outras, ninguém queria deixar de graça os últimos lances ao adversário. Além dela, só mais duas restavam no tapete verde. Na vez de Jorge, o futuro médico conseguiu pôr na caçapa a penúltima esfera e ainda deixou a branca numa posição perfeita para finalizar a última – a preta. Um murmúrio percorreu o ambiente, cabeças viraram para não ver e, sobretudo, para não ter que desembolsar quantias financeiras já estratosféricas. Arthur recostou-se

no banco alto, segurando o taco encostado no chão, entre os dois pés, a ponta na direção do teto. Delphine segurava seu braço. Cochichavam-se comentários técnicos. Jorge se concentrava, a boca contraindo-se em meia palavra dita para si mesmo.

Contaria mais tarde que refletira bastante sobre aquela jogada, pouco antes de executá-la. Deveria colocar suavemente a bola, como exigia certamente a situação, ou finalizar com violência, para causar um efeito na plateia? A proximidade da vitória, o rush de sangue que lhe correu pelas veias foi decisivo: terminaria com uma forte batida de mão esquerda (era canhoto), tomando cuidado, claro, para posicionar o taco de maneira a que a bola branca não seguisse a preta no buraco, mas retornasse de onde partira. Posicionou-se. Jorge pôs a mão direita firme sob o taco, fazendo um “v” com o polegar e o indicador, ao passo que com a esquerda movimentava, num pêndulo preciso e concentrado, o instrumento da vitória.

Tudo ocorreu de modo muito rápido – muito mais do que o ritmo de qualquer narração. A pancada veio violentíssima, acompanhada por um estalo característico, mas decuplicado em intensidade sonora, e pelo grito de Delphine: nom de Dieu! A bola branca não se movera um milímetro. Não é que Jorge não a tenha tocado, ao contrário: acertou-a em cheio, justo onde queria, mas ela se manteve ali, imóvel, sólida como uma rocha, e o resultado foi o estudante sofrer o imediato contragolpe daquela imponente inércia: foi jogado para trás com a mesma força que havia usado para atacá-la, o taco partindo-se em dois e o jogador caindo de costas no chão, não sem antes atropelar uma cadeira, cujos quatro pés se quebraram como frágeis palitos de fósforo.

O estrondo de um trovão fez tremer os alicerces do Bar do Borges. Era a gargalhada dos torcedores, misturada a copos estilhaçados no chão e a gritos ensurdecadores de gozo incontido. Riam a plenos pulmões, apontando para o infeliz, como teriam feito com alguém que vissem tropeçar e cair no meio da rua. O argentino, estatelado no chão com as mãos apoiadas para trás, olhava o pedaço de madeira partido com ar assustado. Fixando a bola branca, percebeu, pela primeira vez e antes do seu lendário desmaio, que o desenho que nela fizeram eram dois olhinhos pretos e uma boca. Os olhos o encaravam; a boca sorria.

Quando o quadrinho é comprometido



A HQ de não-ficção **Raul** se inspirou em personagem real que sonhava em ser rapper. A atitude do hip hop influencia o jornalismo em quadrinhos praticado por De Maio, que editou por dez anos publicações como **RAP Brasil**, **RAPNEWS**, **Planeta Hip Hop** e **Graffiti**.

Alexandre De Maio (1978-) pratica jornalismo em quadrinhos. Ele usa o poder das imagens associadas ao texto para produzir trabalhos de não ficção carregados de atualidade e tensão social.

Em 2013, De Maio ganhou o Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo com a reportagem “Meninas em jogo” (Agência Pública), abordando a exploração sexual infantil em Fortaleza.

Parte de seu trabalho leva a HQ a formatos híbridos, como ao integrar a animação do videoclipe “Causa e Efeito”, de MV Bill, e ao lançar série jornalística sobre a Chacina de Unaí no Instagram do Sinait (Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho – [instagram.com/sinaitbr](https://www.instagram.com/sinaitbr)).

De Maio lançou *Raul* em 15 de março, na Matilha Cultural (São Paulo), livro que busca reconstruir a “trajetória de um garoto humilde que escolheu viver a vida loka do crime sem jamais abandonar o sonho de ser famoso”. *Raul* foi publicado pela editora Elefante.

Como você desenvolveu o trabalho de apuração de *Raul*?

Faço um acompanhamento da fonte há mais de dez anos. Eu conheci o personagem em 2006, mas foi por volta de 2012 ou 2013 que comecei a acompanhar mais de perto sua história e percebi que havia quase zero matéria na imprensa sobre casos como o dele [de quem é “Raul”, tipo que aplica golpes de cartão de crédito dentro de agências bancárias]. Quanto às entrevistas, a maior delas rolou em abril de 2017. Fiz outras menores para tirar dúvidas e pegar detalhes. O processo maior levou uns três meses. Peguei um mês de férias para desenhar todos os dias, em maio do ano passado. O personagem nasceu e cresceu num lugar que eu meio que frequentei. É que meu avô morava na região da Baixada do Glicério [região próxima à Sé, em São Paulo, com muitas pessoas em situação de rua], então eu conhecia parte daquela realidade.

Qual é força da história do personagem real de *Raul*? No teaser do livro, vejo que você divulga parte da entrevista com efeito de distorção da voz do entrevistado.

Para mim, a força da história é a de um cara que tenta viver do seu sonho, de sua arte, e não consegue. Alguém que tem uma vida cheia de reviravoltas e desiste do seu sonho. Para mim, havia outros quesitos importantes. Além de ter muitos altos e baixos, a história trazia ambientes e situações que conheço, como a Baixada do Glicério e

bastidores da história de um rapper – editei durante dez anos revistas de hip hop. A grande força da história é a dificuldade de a gente, aqui no Brasil, conseguir viver daquilo que a gente sonha e mais gosta de fazer.

Entre 27 de janeiro e 1º de fevereiro, você publicou “Unaí Nunca Mais”. Foi uma série em HQ publicada nos stories da conta do Instagram do Sinait. Como foi produzir um trabalho em capítulos semanais numa rede social abordando impunidade?

Fazer essa HQ sobre a chacina de Unaí foi uma honra. A produção foi incrível por permitir contar a história de um cara negro que, em pleno século 21, acaba morto por lutar contra a escravidão. Ela mostra o quanto a gente tem que avançar [em direitos humanos]. A experiência do trabalho foi bacana por ser uma história muito conhecida, com bastante material para pesquisar e ler. O desafio maior foi o de encaixar tudo isso em três capítulos de cinco telas cada um. Trabalhei bastante o roteiro. Cheguei a fazer três, quatro, cinco versões de cada capítulo para poder escolher um deles.

Você levou seu trabalho em HQ para a linguagem do videoclipe e da animação com “Causa e Efeito” (2010), do rapper MV Bill. Como o rap lhe inspira em seu trabalho de reportar o Brasil?

Desde que comecei a fazer quadrinhos, no final da adolescência, sempre pensei que queria fazer quadrinho como um rap faz com a música – usar a arte para protestar, falar de problemas sociais, meter o dedo na ferida, chamar a atenção para grandes causas. O hip hop – e o rap especialmente – me inspirou muito pela ideia de fazer arte e, ainda assim, levar um protesto, uma mensagem mais profunda, uma discussão. Sempre me inspirei nessa atitude, nessa ferramenta que mistura arte e ativismo.

Qual é a importância da HQ em ativar a memória do brasileiro?

Acredito que a HQ não tem compromisso de ativar a memória do brasileiro. Ela é uma técnica de contar histórias, que, por juntar texto imagem, faz uma comunicação muito forte. Eu me sinto na obrigação – no país em que a gente vive, com todos os problemas– de usar o poder da HQ para ativar a memória das pessoas, de falar dos problemas. Eu me sinto no compromisso de fazer isso. Mas não é uma obrigação das HQs.

Jessica Lemos

Búfalo Branco

Talvez tenha visto ele ontem. Wolfgang. Entre uma multidão que caminhava a esmo na praça. Estava só, com suas roupas sempre claras e limpas. Sempre contrastou bem com a cor dos seus olhos, cabelos, barba, pelos. De longe eu o observei. Saberá achá-lo mesmo que todas as luzes da cidade estivessem apagadas. Mesmo que a lua e as estrelas dormissem à noite. Nós dois sentados sozinhos em bancos afastados. Poderíamos ser amigos, Wolf. Mas você não aguentou a distância.

Após um sumiço, procurei sem muito remorso por Wolfgang. Ele prontamente atendeu. Era um tipo desejável, para fins que não me interessavam mais do que uma foda ou, com sorte, uma boa conversa. Já tínhamos um histórico de atenção unilateral, justificada talvez pela minha insensatez em relação a homens. Wolfgang agora morava só e

era meu vizinho, tinha usado isso como desculpa para mais uma tentativa de se aproximar de mim. Deu certo por algumas noites. Noites frias necessitam de paus para alimentar o fogo.

Wolfgang sempre deixou claro o quanto me queria. Quase sempre de formas que eu não permitia. Mas ele me queria sua, e tinha, ao lado, quando eu queria. Segurava minha mão tão forte como se tentasse impedir que eu não escapasse dessa vez. Se adequava a meu corpo e encaixava sua cabeça no meu pescoço, se escondendo entre meus cabelos. Ele poderia ficar lá por horas ou segundos, dependendo do meu humor. Meio lento, ainda sempre vinha em direção à minha boca. Seus lábios eram quentes, macios e estáveis demais pra mim. Mas em noites frias... Me ouvia e pedia desculpas quando falava ao mesmo tempo que eu, e se calava.

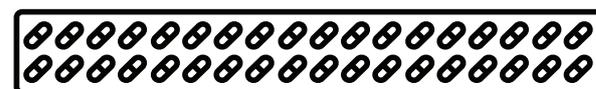
Suas mãos nunca me soltavam. Abria a porta, puxava a cadeira, eu era sempre a primeira. Ele, pra mim, não. O que uma pobre garota poderia esperar de alguém assim? Eu o olhava com o afeto que dispensava. O fim de cada noite poderia encerrar nosso caso. Não por ele. Por mim.

Eu gostava de suas mãos, eram também macias, quentes e estáveis. Quando chovia, corríamos pro seu apartamento. Ele me oferecia chá enquanto colocava Buena Vista Social Club na vitrola. O chão de madeira era como ele. Seu tapete ainda guarda uma marca minha. Fumávamos e nos beijávamos no chão. Ou escorregávamos pelo sofá. Sempre à meia-luz. A chuva caía lá fora enquanto ele me observava calado. Já havia um ano nessa situação. Meu corpo e minha alma para ele ainda eram desconhecidos, há muito desejados.

TOGURDS
F DÄ CVMZ
J DA Ñ LEBQ
WRT Ñ L
UD O Ñ TRA
TODALETRA.COM.BR



Farmácia
Ehlkefarma



PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO
ARAUCÁRIA-PR (41) 3642-1128

Faustino da Rocha Rodrigues

Um livro para um leitor miserável

Miséria, miserável, misericórdia. Palavras similares, lexicalmente próximas. Porém, distantes a depender do uso e do contexto. Atualmente, não é estranho falar em miséria. No imaginário, remonta às agruras de um mundo desigual, explorado pela águia do capital que, por voar tão alto, grassa uma liberdade alcançada por poucos, os afortunados a venderem a sua vida como a imagem do possível, como se qualquer um ali pudesse estar.

A miséria todo mundo pode ver (ou sentir). O miserável, nem tanto. A misericórdia é para pouquíssimos. Hoje, apiedar-se é quase um luxo – ou ato de benevolência. É como um artefato raro adquirido em uma viagem a lugares exóticos, diferentes, não vistos – e até desconhecidos – pelas pessoas comuns. Há quem a erija a um pedestal, ritualizando-a em nome de sei lá o que. E esse é o jeito mais comum de torná-la visível. Quase a única forma possível.

Ulisses Belleigoli resolveu escrever um livro sobre a miséria. Logo, sobre a misericórdia. E mesmo que não a pronuncie diretamente, fala sobre o miserável. *Trilogia da miséria* tem em seu título duas coisas atualmente banais – embora não evidentes. O termo trilogia, que faz o leitor, no final do livro, se perguntar onde ela se encontra; e miséria que, a depender de quem leia, fará o mesmo questionamento.

Progressivamente, na obra, Ulisses demonstra como nós não entendemos de miséria – e talvez, tampouco de trilogias. Ela está aí, presente da maneira mais banal em nossa realidade. É algo tão constante como o amor, a dor, o desapontamento, a esperança, a ansiedade, a apatia, a benevolência, a crueldade, a angústia, entre muitos outros conceitos-sentimentos. De presença irremediável, fica difícil até mesmo conseguir separá-la de alguns destes termos assaz constantes em nossa vida.

O livro deixa claro: a miséria não necessariamente caminha com a misericórdia. Mas, obrigatoriamente, tem o seu miserável. E se ao se ver diante da miséria,

olhando para um lado e outro, interrogativo, o miserável não for encontrado, pode ser que ele seja você. À constatação, tem-se o choque e a pergunta: “como?”. Parece inacreditável, mas é assim.

Se a misericórdia não é tão comum quanto os seus pares léxicos, talvez seja justamente na autocomiseração que ela tenha mais chances de se fazer evidente. Isso porque ali não há estranheza. “A miséria ensina”, diz Ulisses ao terminar um de seus contos. Sim, mas, conforme demonstra o seu livro, somente ensina quando se tem misericórdia, ainda que seja uma auto-misericórdia. No presente caso, o aprendizado pode se dar no amor.

Prosseguindo com o livro, ao ler um conto em que o tabu do incesto é tratado, da maneira como se revela, podemos sentir até asco, raiva ou mesmo prazer. Mas não reconhecemos facilmente a presença da miséria ao nos darmos conta da consciência quanto a este tabu. Enquanto tabu, tem o dado cultural, externo ao sujeito, mas, nutrido em nós mesmos. Muitos dos que leem gostariam de rompê-lo, superá-lo, mas a condição de miserável grita, fazendo disso algo impossível.

Um outro conto, tocando em nossa velha conhecida desigualdade social, desnuda-nos diante dela – mostra a miséria e o miserável, embora nem sempre vejamos estes últimos. Revela como algumas das pessoas mais afetadas por tais questões sociais, mesmo que queiram, não conseguem se mover. Ficam paralisadas não por falta de consciência, mas, talvez, pela sua própria condição de miserável – aqui, na brutal desigualdade a consumir a sociedade brasileira, o miserável pode estar nos dois lados, a depender de como se olha. Ao se reconhecer o outro como miserável, resta, então, a misericórdia. E sentir misericórdia conforta. Mas, vendo de fora, tal conforto quiçá realce o quão miserável se é quando se sente misericórdia.

Agora, falemos um pouco da narrativa de Ulisses – que não exclui o que foi dito até o presente momento. O jovem escritor tem uma capacidade de alterar o ambiente da história narrada nas poucas páginas de um conto. O gênero literário, com suas

muitas exceções, por suas próprias características, cobra maior efetividade, sugerindo ao escritor que se “vá direto ao ponto”. Ulisses destoa um pouco disso.

Na história mesmo em que o tema da desigualdade social é tocado, ela apenas desponta para o primeiro plano depois. Isso porque o que surge inicialmente são coisas banais, como os dilemas juvenis da primeira menstruação de uma personagem de classe média alta – cujo choque da mocidade a faz miserável. Ao final, entende-se o artifício do autor, ao se perceber como, em um dia normal, sangram de forma completamente diferente uma menina rica e uma menina pobre.

Ulisses também envereda por algo semelhante à fábula. Neste caso, o conto perpassa distintos ambientes, aglutinando momentos diversos da vida de um homem. Da maneira como anuncia, em seu princípio, sugere que estaremos diante de uma vingança sangrenta. O leitor, contudo, espera constantemente o clímax da história, sem perceber, de início, que já se encontra nele, no clímax. É muito fácil se perder na tentativa de manipulação de tais recursos. O autor de *Trilogia da miséria*, contrariamente, logra uma cadência narrativa.

À medida que a leitura do livro avança, passamos a questioná-lo como livro de contos. Isso porque a história de Draco e Dulce, minha favorita, trança as demais narrativas. Isso é feito de forma curiosa, pois vemos como a violência e o tabu norteiam os demais contos, ao mesmo tempo em que a angústia de uma separação os contorna. Aqui, a miséria se faz evidente ao se notar a perda do afago, conseqüente à separação, demonstrando como o egoísmo também é miséria.

Enfim, o caráter comum da miséria é um dos principais aspectos do livro. Ela é multiforme ao se transmutar como angústia, violência, desigualdade, tabu, ambição, entre outros. Ulisses demonstra como o miserável, por sua vez, padece com a angústia, a violência, a desigualdade, o tabu, a ambição, ainda que não tenha consciência disso. E o pior é que entre ser miserável, estar mergulhado na miséria, e sentir misericórdia, há um imenso abismo.

ROLÉVOS –

por Mateus Ribeiro (texto e ilustrações ambidestras)



1. Pelo segundo ano seguido, tive o privilégio de representar o **RelevO** na cobertura dos dois dias de **Dekmantel Festival**, em São Paulo. Celebrei entusiasmado assim que obtive confirmação da credencial: o Dekmantel é um festival de música eletrônica que mistura o que você quer ouvir com o que você não sabia que queria ouvir com o Jardim do Éden.

Se ano passado estive na companhia de meia dúzia de amigos, neste ano éramos cerca de vinte almas ansiosas para chegar ao antigo Playcenter. Nossa expansão se deve ao boca a boca, pois aqueles que foram ao Jockey Club em 2017 se tornaram insuportáveis durante um ano inteiro. Minha parcela escrita de culpa despontou na edição de março de 2017 do **RelevO**, somada aos incontáveis elogios destinados ao evento desde então.

O Playcenter me traz boas lembranças. Estive lá no Planeta Terra 2009, antes de sua desativação (o pronome vale para ambos). Àquela época, queria ver Maximo Park, uma banda indie de Newcastle esquecível o suficiente para se imortalizar no coração do garoto de 17 anos que, acompanhado por um corte de cabelo merecedor do mais sincero ódio – e pelo amigo Daniel Babalin –, chegava ao tradicional parque de diversões.

De lá para cá, muitas coisas mudaram. A começar pelo cabelo. Também obtive um diploma estúpido e com

ou sem ele trabalhei em sala de aula, em escritório e em casa. Viajei algumas vezes. Entrei no **RelevO** e ainda não me removi. Não zerei nenhum GTA. Nem por um segundo acreditei em horóscopo. Conheci um padre vietnamita.



Dekmantel 2018: entre potência e existência, voltamos às melodias elétricas

Um enredo de poucos destaques, enfim. Certamente fiquei mais amargo ou conservador, porém ou portanto mais fleumático. Minha melhor amiga daquela época morreu. Fausto Fanti também morreu, sem falar no Bowie. O Totti se aposentou, infortúnio que, se você perguntar para a pessoa errada, atinge mais do que uma morte.

De todo modo, cheguei novamente àquele parque de diversões abandonado — como, aliás, qualquer um deve parecer em relação à versão de 17 anos de si mesmo. Eu era o pássaro abatido, sombra no falso azul refletido nos meus óculos, horas depois de desembarcar em São Paulo e almoçar frango à parmegiana. E podia ouvir o set do brasileiro **Davis** no palco principal.

2. Quatro palcos variavam do orgânico arborizado à pancadaria fechada. É provável que todos tenham crescido em área se comparados ao Jockey, mas o Ufo, o mais pesado deles, proporcionalmente cresceu mais que o resto. Se no ano passado era um corredor estreito, dessa vez dispunha de uma tenda ampla, cujo tamanho exato minha cognição limitada impede de estimar.

Como no ano passado, comprava-se tudo com o cartão do evento, o qual podia ser recarregado pelo celular, no cartão de crédito, ou então pagando a um dos vários indivíduos que se espalhavam pelo Playcenter.

A água custava 7; a Stella Artois, 12; a Hoegaarden, servida com laranja, 18. Ambas as cervejas vinham em copos próprios que você podia levar para casa e guardar como souvenir. (A não ser que você, como eu, seja amigo de Lucas Leite, que viria a perder oito desses belos copos em dez minutos). Não lembro do custo dos destilados. Havia um espaço de alimentação que malemal cheguei a conferir, além de uma cabine com vestimentas e acessórios licenciados.

Não faltavam banheiros — em cujas cabines, pelo segundo ano seguido, resistia o álcool em gel. Convido alguém a conferir a informação, mas presumo que isso constitua um recorde na história de festivais. Também havia algumas pias com água e sabonete líquido próximas de um estande com cosméticos e espelhos à disposição do público.

Falando em público: como se um deus de acessórios tivesse estalado os dedos, todos os óculos continham cordinhas ou correntes adornadas. O combo boné-bigode-pochete também se punha em

alta entre os jovens, principalmente os que se arrumam para parecer desarrumados. Muitas camisas floridas.

Notava-se aqui e ali a presença de figuras cybergóticas, com ornamentos que caberiam em ilustrações de *Neuromancer* ou na lista de aprovados da Berghain. Nunca os tinha visto na luz do dia. Também vi alguém com a camisa do Sampaio Corrêa.

No sábado, por sinal, usei a mesma camiseta que havia utilizado no Planeta Terra 2009, espécie de piada de um homem só que duplicou seu público-alvo quando mostrei uma foto daquela ocasião ao Babalin, minha única

testemunha nos dois eventos.

Em todo o caso, após rodar entre os palcos para conhecê-los, comprar cerveja e encontrar os amigos desencontrados, me situei no principal para acompanhar a sul-coreana **Peggy Gou**. O Dekmantel havia finalmente começado para mim. Enquanto isso, pelo Campeonato Italiano, a Roma derrotava o Napoli fora de casa.

3. Jovem, estilista em Londres e radicada em Berlim, sobra grife a Peggy Gou. E, apesar de grife não ganhar jogo, a sul-coreana deixou ótima impressão. Embalada pelo lançamento recente — no dia anterior — de um EP digno, ela enfrentou a aproximação do crepúsculo cinzento com um house cósmico que conseguiu acalentar o público,





subindo o sarrafo para um fim de tarde agradável.

Midland, seu sucessor, partiu em boas condições. Atrás dele, os sujeitos que atendem por Four Tet e Floating Points, ambos escalados para o dia seguinte, observavam.

E nem por um minuto o inglês fraquejou, pois seu set cresceu feito a economia da Botswana, e com ele a atmosfera do palco principal. No fim, a intensidade contrastava com o personagem que a propagava: sua fachada alheia a qualquer firula, guarnecida por uma cabeça resignada à calvície precoce, confere-lhe um aspecto de “everyman” com o qual é difícil não simpatizar. O recém-lançado *Between the Beats* que o acompanha é excelente, e acho que minha namorada está apaixonada por ele.

Quando Midland parou, enfim, eu estava pilhadaço — dez minutos de **Mano Le Tough** confirmaram minhas suspeitas de que eu não queria ver Mano Le Tough. Assim me movi para o **Randomer** (a princípio, porque há uma ranhura nessa cronologia). Gostaria de oferecer detalhes sobre o Randomer, mas a verdade é que esse foi o período em que a cabeça menos funcionou. Minhas únicas certezas correspondem a (1) ter me divertido e (2) ter presenciado a passagem de bastão no palco UFO, pois **DJ Stingray** chegava para proporcionar o espetáculo final da noite.

Corpulento, negro, trajando uma camisa de Detroit — isto é, literalmente uma camisa abotoada cinzenta em cujo centro se lia “Detroit” —, o que aquela autoridade de balaclava fez foi devastador. Ele arregaçou, e arregaçou com a consciência de um personagem do Antigo Testamento. Sobravam expressões espantadas: assustava a técnica, mas assustava principalmente a naturalidade, a facilidade com que essa técnica nos era fornecida. Como as arrancadas do Ronaldo em 97.

Vinham lembranças honrosas de Jeff Mills, que encerrou o primeiro dia no ano passado. DJ Stingray foi o aleph, esse ponto no espaço que contém todos os outros pontos. E se Borges realmente imaginava que “o paraíso é uma espécie de biblioteca” — uma frase bastante arrombada —, é porque ele nunca foi ao Dekmantel. A não ser que essa biblioteca tenha o DJ Stingray debulhando neurônios com uma coleção de discos e dois canais de som. É tudo de que ele precisa, mas, principalmente, é tudo de que nós precisamos. Infelizmente, também precisávamos ir para casa.

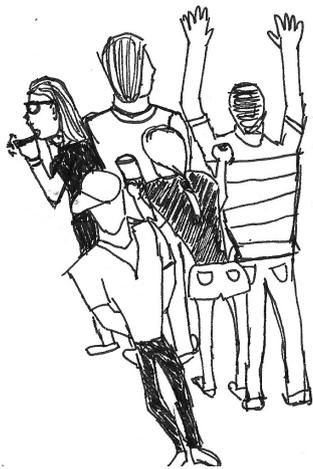
4. Poderíamos ter seguido para o Sambódromo do Anhembi, onde a festa continuava, porém a cautela falou mais alto. Diante do dia apressado, houve decisão unânime de poupar os titulares para a grande decisão do domingo. Assim, nos restou dormir com mais tranquilidade e acordar sob um menor impacto da destruição. Feito isso, almoçamos e logo nos aprontamos.

O trânsito se arrastava. Talvez por conta de Santos x Corinthians, que se enfrentavam no não tão distante Pacaembu, talvez por estarmos em São Paulo. De todo modo, levamos quase uma hora para concluir um percurso que no sábado havia contabilizado pouco

mais de vinte minutos. Eram quase 17 horas e meu grupo fracionado de amigos foi direto para **Elena Colombi & Interstellar Funk**, que fizeram um excelente trabalho pisando no acelerador sem perder de vista o horizonte. Formaram uma ótima dupla, e ali permanecemos até seu fim.

Nos movemos para conferir o já iniciado **Mall Grab**, australiano que parece retirado de um VHS de skate dos anos 1980. Jovem e frenético, encaixa com a festa na piscina do filme com universitários americanos. Mas de forma genuína: o rapaz simplesmente detém os atalhos para a animação, e assim você é carregado sem esforço em direção ao divertimento puro. Na prática, um mérito reservado a poucos. Depois dele foi a vez de um bem mais introvertido **Four Tet**, a quem eu reservava a maior das expectativas.

Logo depois de ter entrado, problemas técnicos congelaram o som por quase dez minutos. Vencido o sufoco, Kieran Hebden, um inglês brilhante na mistura entre o orgânico e o sintético, não poupou faixas de seu excelente último disco (em versões com esteroides). Também soltou ‘Bad Liar’, da Selena Gomez — não *ironicamente*, tampouco como se aquilo fosse uma *bomba* —, e por algum tempo só se falou sobre isso. Four Tet, enfim, foi um



momento realmente mágico compartilhado por todas as pessoas cuja presença eu desejava. Mágico o suficiente para não abrir mão do adjetivo *mágico*, por si só mais brega que um museu de cera.

Aí veio o alemão **Marcel Dettmann**, loiro de traços precisos e cabelo notavelmente saudável; um arquétipo de galã de alguma região mais rica que a sua. Gélido, poderia

ser ao mesmo tempo protagonista de *Suits* e piloto de Fórmula 1. Eu nunca assisti *Suits*, nem uma corrida de Fórmula 1. Meus amigos que o viram no Rio de Janeiro — uma festa há poucos meses, também do Dekmantel — lamentaram algumas repetições no set. Apesar de entusiasta de sons quadrados, não digeri muito bem o bloco monotonal daqueles 90 minutos, o que talvez seja muito curto, e também muito cedo (20 horas) para o *deutschmann*. Eis a mulher.

A russa **Nina Kraviz**, como toda pessoa com níveis parelhos de muito sucesso e muita beleza, atrai polarizações entre os que a tratam como deusa e os que a subestimam apenas porque outros a tratam como deusa. Suponho que ela não se importe muito. Seu set no Dekmantel 2017 não havia me cativado, mas ali permaneci confiante. Uma aposta segura e certa: é verdade que se ouvia a agulha,



e é mais verdade que seu repertório é extraordinário. Entre a acidez e a pancadaria e a pancadaria ácida, Kraviz encerrou o festival em alta, naturalmente agradando a produção, que pela primeira vez anunciava os DJs da festa de encerramento.

Sem muita escolha, logo deixamos o Playcenter e nos dirigimos ao Sambódromo do Anhembi, onde a própria Nina Kraviz, Marcel Dettmann e Kobosil se alternavam na destruição do palco principal, ao passo que Four Tet e Floating Points ofereciam uma alternativa mais suave. Ambos em altíssimo nível, ressuscitando mortos feito Lázaro após o sepultamento. Havia distribuição de energético. A montagem do Sambódromo, por sinal, formou uma surpresa positiva.

Naquele cenário escuro, as luzes esparsas compunham um ambiente não apenas confortável para se estar, mas também agradável de se observar. A pista principal se alojava embaixo da arquibancada; a segunda, em um dos cantos. Para chegar nelas, atravessava-se o grande sambódromo em si, sensação marcante para um curitibano desacostumado àquela estrutura. Amortecido, aguentei apenas até as três da manhã — os fortes foram até as sete.

Na volta para Curitiba, um sentimento agridoce acompanhava minhas lembranças de quando deixei o Playcenter, isto é, em 2009 e em 2018. Lá estava eu, um carrossel de células ligadas a outras células ligadas dentro de outras células, passando pelo mesmo parque de diversões quase dez anos depois. Voltar do Dekmantel continua uma tarefa dolorosa, muito embora querer reviver algo é, afinal, a marca pela qual se batalha. Em algum momento, esses dez anos serão vistos como um mesmo período, pois aquelas células estavam entretidas e bem acompanhadas; seu fogo ainda não empalidecera. Assim sempre foi e assim sempre será: mais importante do que os traços mutáveis são aqueles que, ingênuos, resistem às artimanhas do tempo.



Panaït Istrati

Stravo

Adrien atravessou distraído o curto Bulevar Mãe de Deus, que, em Brăila, conduz da igreja de mesmo nome ao jardim público. Ao chegar à entrada do jardim, parou confuso e contrariado.

– Ainda assim! – exclamou em voz alta. – Já não sou criança! E acredito que tenho o direito de compreender a vida como a sinto.

Eram seis horas da tarde. Dia útil. As alamedas do jardim estavam quase desertas nas proximidades dos dois portões principais, e o sol crepuscular dourava a areia, enquanto os pequenos bosques de lilases mergulhavam na sombra noturna. Morcegos volteavam em todos os sentidos, como que desamparados. Os bancos alinhados às vias estavam quase todos vazios, exceto em certos recantos discretos do jardim onde casais jovens ficavam abraçados e sérios quando algum importuno passava. Adrien não prestou atenção a nenhum ser humano com quem cruzou no caminho. Aspirava ávido o ar puro que subia da areia recém-regada, a mistura embalsamada do perfume das flores, e pensava naquilo que não conseguia compreender.

Não compreendia sobretudo a oposição que a mãe fazia à escolha de suas relações, oposição que acabara de culminar em uma violenta discussão entre mãe e filho único. Adrien meditava:

“Para ela, Mikhail é um estrangeiro, um malandro suspeito, o empregado do confeitiro Kir Nicolas. Como assim? E eu, o que sou? Um pintor de paredes e, além disso, ex-empregado do mesmo confeitiro! E, se amanhã eu for para outro país, serei, necessariamente, considerado malandro por lá?”

Irritado, bateu o pé no chão:

– Raios! É uma injustiça revoltante com o coitado do Mikhail. Eu gosto desse homem porque é mais inteligente que eu, mais instruído, e porque aguenta a miséria sem se queixar. E aí? Quer dizer que quem se recusa, como ele, a sair bradando aos quatro ventos nome, país de origem e número de dentes que lhe faltam não passa de um malandro? Pois bem! Sim, quero, sim, ser amigo desse malandro. E fico muito feliz com isso.

Adrien continuou passeando maquinalmente e, ao mesmo tempo, ia fazendo a crítica mental de tudo o que a mãe lhe dissera; e tudo lhe pareceu absurdo: “E essa história de casamento? Eu tenho só 18 anos, e ela já pensa em me botar nas costas uma palerma qualquer; palerma e, quem sabe, também coelha, que vai me sufocar com seu afeto e transformar meu quarto em despejo! Meu Deus! Parece até que não há nada mais inteligente para se fazer na Terra do que chocar uns pequenos imbecis, encher o mundo de escravos e virar o primeiro escravo desses parasitas. Não, não! Prefiro um amigo como Mikhail, nem que seja dez vezes suspeito. Quanto à censura de que ‘puxo as pessoas pela língua para

fazê-las falar’, palavra!, não sei bem por que gosto de ‘puxar as pessoas pela língua’. É que, talvez, a luz venha do discurso dos fortes, e prova disso é Deus, que precisou falar para que se fizesse Luz.”

Na calma daquela noite primaveril, o apito de um barco atravessou o ar com seu assobio estridente e despertou o jovem, ao mesmo tempo que uma lufada perfumada de rosas e cravos o atingiu.

Adrien enveredou pelo grande parque que margeia a esplanada e domina o porto e o Danúbio. Por um instante, deteve-se para contemplar as milhares de lâmpadas elétricas que brilhavam sobre os barcos ancorados no porto, e seu peito se inflou com um irresistível desejo de viajar:

– Senhor! Como deve ser bom estar num desses paquetes que singram os mares e descobrem outras margens, outros mundos!

Contrariado por não poder se entregar a seu desejo, pôs-se de novo a caminhar cabisbaixo; então ouviu que alguém, atrás, o chamava:

– Adrien!

Voltou-se. Em um banco pelo qual ele acabara de passar, estava sentado um homem que, de pernas cruzadas, fumava. A miopia e a escuridão impediam Adrien de reconhecê-lo. O homem não se levantou, e Adrien estava aproximando-se dele, um pouco contrariado, quando deixou escapar uma exclamação de contentamento:

– Stavro!

Apertaram-se as mãos e Adrien tomou assento ao lado do outro.

Stavro, o feirante – mais comumente chamado de “o homem da limonada” por causa da beberagem que vendia nas feiras –, era primo em segundo grau da mãe de Adrien. Figura outrora muito conhecida nos meios libertinos dos subúrbios, estava esquecida, enterrada pelos trinta anos transcorridos e pelo mal-entendido de um escândalo ocasionado por seu temperamento na época.

De estatura ligeiramente acima da média, de um loiro esmaecido, incolor, magérrimo e enrugadíssimo, olhos azuis e grandes, ora francos e sinceros, ora astuciosos e furtivos, de acordo com a ocasião, exprimiam toda a vida de Stavro. Vida chacoalhada e sacudida por sua natureza nômade e bizarra; vida arrebatada desde a idade de 25 anos pela triste engrenagem da sociedade: casamento com moça rica, bonita e sentimental, do qual saiu, um ano depois, coberto de vergonha, com o coração em frangalhos, com o caráter deformado.

Adrien conhecia vagamente a história. Sua mãe, sem entrar em detalhes, a contava como exemplo de vida odiosa; mas Adrien tirava dela conclusões inteiramente opostas; e mais de uma vez, com o instinto que tinha no âmagô, ele se debruçara sobre

Stavro como sobre um instrumento musical que se queira ouvir ressoar; o instrumento se recusara.

Aliás, só tinham se encontrado três ou quatro vezes no máximo, sempre na rua. A casa da mãe fechara-se para Stavro, como todas as casas honestas. Além disso, o que o feirante desajuizado poderia dizer ao menino mimado, acarinhado, monopolizado?

Para todos, Stavro era um “folgazão”; e era mesmo, queria ser. Com seu terno surrado e amarrotado, mesmo quando novo; com sua aparência de camponês citadino, camisa sem passar, sem colarinho postiço; com seu ar de charlatão larápico, era dado a exibições verbais e gestuais que divertiam os outros, mas que o humilhavam e desacreditavam.

Abordava os conhecidos, no meio da rua, com alcunhas certeiras e cômicas, nunca ofensivas. Muitas perduraram. Se alguém lhe agradava, ele o levava ao bar, pedia meio litro de vinho e, depois de brindar, ia ao pátio, “para uma necessidade”, e não voltava. E, se a pessoa encontrada fosse daquelas que “pegavam no seu pé”, ele lhe dizia animadamente:

– Seu amigo Fulano está esperando em tal bar: corra!

Mas o que divertia Adrien eram as cabeças de tzirs¹ e a bolsa de fumo de Stavro. Enquanto conversava com alguém, Stavro tirava do bolso uma daquelas cabecinhas de peixe seco, com a boca aberta e achatada, e a enganchava às escondidas na bainha do paletó do outro tagarela. O sujeito ia embora, levando pela rua a cabeça de peixe seco a lhe morder o paletó, para grande divertimento dos transeuntes.

¹ Espécie de arenque defumado. [n.a.]

Trecho de *Kyra Kyralina: As narrativas de Adrien Zograffi*, Editora Carambaia, 2018

LIVROS | VINIS
JOAQUIM LIVRARIA & SEBO
 RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

HOJE VI
 E ME LEM
 LEMBR
 QUE
 LEGA

de novo gustavo piqueira
 garante o seu em www.bancatui.com.br Lote 12

Um detetive da memória entre o erudito e o popular: notas sobre ‘Natureza Morta’, de Leopoldo Conti

Já faz algum tempo que conheci a profunda, exigente e – para os padrões um tanto juvenis do nosso meio literário – solitária poesia de Leopoldo Comitti. Da qualidade de sua prosa, porém, não tive notícia até o lançamento recente de *Natureza Morta*, romance policial publicado em 2017, pela editora Epigrama. Embora guardando alguma distância do gênero (ou, talvez, por isso mesmo), minha experiência de leitura foi das melhores: o misto de elegância e apelo comercial de sua prosa é, sem dúvidas, uma grata surpresa.

Mesclando focos diversos de interesse, a narrativa de Leopoldo não se restringe ao exercício competente das características fundamentais do romance policial, mas, também, flertando com o romance de formação, desvela o processo de amadurecimento de um jovem pintor provinciano que, utilizando-se de uma prostituta da vizinhança como modelo, vê sua musa ser vítima de uma morte misteriosa. Acessando o mistério da trama mediante a descoberta de sua própria ingenuidade, o narrador nos coloca num plano mais humano da trama policial, de extrato psicológico, trabalhando seu autoconhecimento feito fosse um detetive de si mesmo, de sua própria memória – um traço pouco explorado pelas narrativas mais convencionais do subgênero. Fugindo das fórmulas prontas e das modinhas literárias, Leopoldo optou por um narrador que não se integra à fauna suja dos becos e bocas-de-fumo das grandes cidades. Ao contrário, trata-se de um estudante careta, meio caipira, que

nos anos 1970 deixa sua cidadezinha do interior para estudar na capital e, pura necessidade, instala-se numa tumultuada república estudantil, em região decadente do centro de Curitiba. Ali, o rapaz se vê envolvido numa intriga que, cruzando seu universo mais imediato (por ele, a princípio, sequer compreendido) com os bastidores do poder político local, tudo isso sob a atmosfera opressiva do regime militar, vai definir sua trajetória enquanto artista e ser humano.

O romance de Leopoldo Comitti, desse modo, cruza o histórico, o psicológico, o policial e, em seu resultado, nos presenteia com uma prosa madura, constantemente azeitada pelas imagens poéticas que, nas mãos de um poeta, não poderiam ficar de fora.

Daí que, por sua qualidade literária e apelo comercial, *Natureza Morta* pode ser visto como o tipo de livro que nos faz refletir acerca da estrutura contingencial – não raro aleatória e, muitas vezes, extraliterária – que define nosso meio editorial. Como romance de aspiração artística poderia, sem maiores dificuldades, frequentar a lista dos mais vendidos, não fosse o abismo logístico que separa grandes de pequenas editoras, bem como os meios obscuros e escusos que levam bons e maus autores a encontrarem ou conquistarem espaço e refúgio num e noutro lugar. Para o bom leitor, porém, os problemas de edição se tornam miudezas quando contrastados com as virtudes sólidas desta narrativa romanesca – um sopro de vida em nossa esquálida tradição do romance a um só tempo erudito e popular.

Cristina Bresser

Carcinoma de chuva

Minha pele clara sofre com o excesso de sol. Extraí o primeiro caranguejo agarrado à minha derme quando tinha dezenove anos. Na época, a palavra câncer era mais feia do que caralho, escroto, buceta ou punheta. Ninguém quis me contar o resultado da biópsia ou comentar sobre aquela ferida que não sarava nunca e virou uma cicatriz longilínea entre as minhas escápulas. Carcinomas são os menos agressivos dos tumores malignos de pele. Somente doía quando feições retorcidas pelo desgosto e por tons metálico-afitos me questionavam OQUEFOIISONASSUASCOSTAS?

Cheguei nos trinta e fiz uma tatuagem de cavalo-marinho para cobrir a marca. As expressões de terror foram substituídas por olhares de cobiça dos homens e de inveja da maioria das mulheres. O que era defeito virou acessório de sedução.

Alcancei os quarenta e, com a maturidade, o número de lesões também aumentou. Primeiro, perdi o rabo do cavalo marinho para um basocelular. A dermatologista me assegurou de que nada adiantaria eu deixar de tomar sol. As lesões são cumulativas, o excesso de sol sem protetor solar na infância e adolescência já tinham deixado seu legado no meu DNA. Era apenas uma questão de baixa imunidade, e eles apareceriam sem ser convidados.

Consequência tardia do óleo Johnson com urucum, de pouco adiantou a máscara de Caladryl ou o Hipoglós — eu surfava com prancha de isopor. A cada cirurgia, me sentia como um doente terminal. Larguei o emprego estável, o salário alto e

o chefe psicopata para abolir a raiva engolida.

Completei cinquenta e a proporção das lesões de pele dobrou com o nível imprevisível de estresse. Há anos não lia o palavrão carcinoma nos laudos. Fui morar numa casa, me poupando de vizinhos invasivos, e também para poder conviver com meus cães. Até que começou a chover.

Casa antiga, reforma longa, fiquei exultante quando estava quase pronta. Os pintores me aconselharam a lavar e impermeabilizar as telhas, já que a morada estava pintada de novo.

O serviço com a wap inaugurou uma cachoeira caudalosa no lustre do quarto. Meudeusdocéu, que medo de curto-circuito. Os pedreiros ainda estavam por perto e garantiram que tinham deixado as instalações elétricas em ordem, não precisava se preocupar. Depois veio o técnico da internet, que jurou não ter quebrado nem uma telha.

O cara que se dizia especialista em alarmes e em cercas elétricas, além de telhas quebradas, deixou um rastro de fios descascados, prontinhos pra transformar em cinzas o meu sonho da casa própria. Mas isso eu só soube muito depois, quando o Carlão chegou. Ele veio pra resolver a questão, depois do jardineiro solícito ter tentado, depois do homem das calhas ter me arrancado uma dinheirama, e a chuva continuar a entrar na lavanderia.

O Carlão veio importado de São Paulo, com técnica moderna de fibra de vidro, de resina e de vedação. Veio bem indicado, claro. Chegou estufando o peito e jogando charme, o que fingi

não perceber. Queria que ele resolvesse o problema do telhado, não da minha falta de sexo. Aliás, sexo não estava me fazendo a menor falta, queria apenas ficar bem coberta na minha casa, com os meus livros, as minhas plantas e os meus cães.

Oito meses depois e o dinheiro suficiente para um telhado novo, brotou uma cascata em cima da mesa da sala de jantar. Sem problemas, a mesa é de vidro, nem estragou. Estrago mesmo fizeram as duas quedas d'água menorzinhas que saíam pelas dicroicas instaladas para destacar as cores vibrantes dos painéis abstratos. Sobrou vermelho no chão, nas paredes e no meu rosto, vermelho de raiva. E o Carlão posando de Capitão Rodrigo e culpando o formato do telhado, as telhas velhas, o tempo e o vento.

Cada vez que ouve um trovão, minha cachorra, recém-resgatada das ruas, treme, chora e tenta se entocar. Na última tormenta, fui pra debaixo da escrivinha junto com ela. Depois que me mudei pra essa casa, passei a ter medo de chuva também. Acordo de madrugada durante o aguaceiro e saio pela casa inspecionando infiltrações e goteiras.

Depois de uma noite tempestuosa nesse verão, acordei com cinco manchas novas na perna esquerda. Cinco. Lesões. De uma vez só. Caralho. Escroto. Buceta. Punheta. Não. Carcinoma.

Na cirurgia, a dermatologista, tantos anos e quantas lesões extraídas depois, aturdida me questionou:

- Você tem passado muita raiva?
- Muita, doutora. Raiva da chuva.
- Chuva dá câncer, sabia?



FISK

CENTRO DE ENSINO

3642-3690

3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR



ADVOCACIA
 CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA
 CONTRATOS - TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho
 OAB/PR 48.641

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 135, 2º ANDAR, LARGO DA ORDEM,
 SÃO FRANCISCO, CURITIBA-PR

(41) 3564 7194 (41) 984 405 050

poemas da meia-noite
 (e do meio-dia)

O livro "Poemas da meia-noite (e do meio-dia)" oferece ao leitor uma extraordinária viagem pelo insólito tempo-espaço descortinado pelo poeta. As primeiras partes têm a ver não apenas com o tempo do dia, mas também com o da história e o do cosmo, por cujos mistérios é um prazer viajar com o poeta. No seu caminho, ele dialoga sobre os mais variados e poéticos enigmas com inúmeros outros poetas e pensadores. Finalmente, em "Ecos Íntimos", é fascinante acompanhar o mergulho de William Soares dos Santos na poesia de cerca de quarenta poetas cujos nomes - dispostos em ordem alfabética, de Adélia Prado a William Wordsworth - nomeiam os admiráveis últimos poemas desse livro cativante.

Antônio Cicero

Elstor Hanzen

História da humanidade em três passos

No princípio era a imaginação. A capacidade cognitiva levou à revolução agrícola e, por fim, levou à revolução científica. A habilidade de pensar e de cooperar levou a Humanidade a ser o que é, e o ser humano a se diferenciar de todos os demais seres do planeta.

Assim, com base na perspectiva darwinista, o professor israelense Yuril Harari procura resumir a história da evolução humana, no badalado *Sapiens – Uma História da Humanidade*. O livro se tornou um best-seller mundial. A narrativa se concentra em três aspectos principais: a revolução cognitiva, a revolução agrícola e a revolução científica, além de discorrer em uma parte sobre a unificação da humanidade.

Tenho restrições a livros com muitos apelos comerciais e com expressões na capa de best-seller. O pré-julgamento com *Sapiens* se deu por esse motivo. Cruzei por ele em várias feiras e o vi praticamente em todas as livrarias. No final de 2017, finalmente o li e constatei que estava errado, ao menos quanto a essa obra. Contudo, não significa que deixei de lado os critérios e as restrições quanto às receitas de livros ruins, os quais trazem sempre as previsíveis palavras de impacto e clichês na sua identificação, tais como: faça você mesmo, 10 dicas para o sucesso, como fazer amigos..., ou que tentam simplificar temas complexos para adequá-los à paciência do público-alvo.

Sapiens, não obstante, tem o mérito de resumir 70 mil anos de história em menos de 500 páginas, numa narrativa fluida e inteligente. Dividido em três grandes revoluções, a partir daí o livro

tematiza a história da humanidade desde a evolução da espécie humana na Idade da Pedra até os dias atuais. O argumento central é que o homo sapiens domina o mundo porque é o único animal capaz de pensar e de cooperar de forma flexível entre seus pares. Além do mais, somos capazes de acreditar em coisas que não existem na natureza e são produtos somente da imaginação, tais como deuses, nações, dinheiro e direitos humanos.

Antes da revolução cognitiva, conforme lembra Harari, a pedra foi a ferramenta usada pelo sapiens para abrir ossos de tutano, pois era o que sobrava após a cadeia dos mais fortes se alimentar, como as hienas e os chacais. Para evoluir na cadeia alimentar e sobreviver, a técnica da cozinha foi fundamental para o ser humano – os chimpanzés demoravam cinco horas para comer; hoje, podemos fazer tudo em menos de uma hora.

Outro ponto para o ser humano foi a capacidade de usar o aprendizado, a memória e a comunicação a seu favor, logo pôde cooperar para se organizar socialmente, característica essencial para sua sobrevivência em sociedade. O ingrediente central para realizar essas atividades foi a informação. Graças à informação, tornou-se possível transmitir as coisas que não existem na natureza – ficção, lendas, crenças. Essa é a singularidade mais particular da linguagem dos sapiens, portanto.

A informação é uma espécie de cola para fazer alianças, criar marcas e estabelecer confiança. Os políticos e os governantes que o digam, pois dependem de informações para conseguir cooperação, assim como as igrejas espalharam a história de Cristo, as instituições e as marcas usam a mesma lógica para sustentar sua existência.

Os bancos, por exemplo, apoiam a sua existência num eixo central – a informação –, usando dados e valores simbólicos para se constituírem como instituição. Fora isso, não existem. A Igreja Católica, do mesmo jeito, não sobreviveu pelo ‘gene do celibato’, mas por transmitir a história do Novo Testamento e convencer milhões de pessoas com esse escrito. Claro, para que tudo isso funcione, não basta contar uma boa história, é preciso convencer e seduzir para que o relato se faça digno de crédito, o que, na linguagem corporativa, se chama contar uma história eficaz.

Na contemporaneidade, entretanto, há apenas um elemento mais forte e capaz de unir mais a humanidade que a história, a religião e as marcas: o dinheiro. Ele é o “único sistema de crenças criado

por humanos que pode transpor praticamente qualquer abismo cultural e que não discrimina com base em religião, gênero, raça, idade ou orientação sexual”. Portanto, o animal homem cria suas histórias e as cultua, pulando dos deuses ao dinheiro.

As evoluções

Desde a revolução cognitiva, há cerca de 70 mil anos, o ser humano declarou independente a história da biologia. Segundo Harari, os sapiens começaram a viver em uma realidade dual. Por um lado, o mundo objetivo dos rios, das árvores e dos leões; por outro lado, a realidade imaginada de deuses, de nações e de corporações. Com o passar do tempo, a realidade imaginada se tornou ainda mais poderosa, de modo que hoje a própria sobrevivência dos rios, das árvores e dos leões depende de entidades imaginadas, como deuses, nações e corporações.

Uma das primeiras mudanças começou no cérebro. “O homo sapiens tem 2% do peso corporal e consome 25% de energia, enquanto o primata gasta apenas 8% de energia com esta parte do organismo”, relata Harari. A partir daí, as novas habilidades foram várias, ao passo que os benefícios foram consequência. Graças à capacidade cognitiva, conseguimos agora realizar ações complexas, como formar grupos maiores, mais coesos e cooperar entre estranhos, além da capacidade de inovação e rapidez na adaptação a comportamentos sociais.

A revolução agrícola veio posteriormente, aproximadamente 12 mil anos atrás. Nas palavras do autor israelense, essa foi “a maior fraude da história”, porque se passou a trabalhar mais do que os antecedentes – os caçadores-coletores – e se obtinha uma dieta pior. Ademais, a partir daí começou a exploração dos trabalhadores pelas elites, para que estes focassem no excedente da produção. Resumindo: mais pessoas vivas e em piores condições, criando ambiente para a escravidão.

Para o bem ou para o mal, “as evoluções não têm volta, elas só geram mais e mais demandas”. Ainda conforme Harari, apesar das inovações com as quais ganhamos tempo, como o telefone, a máquina de lavar roupa, os computadores e o email, elas não foram capazes de nos proporcionar uma vida mais tranquila – apenas ficamos mais submissos, domesticados e gordos. Por último, essa série de

decisões travadas levou-nos a ser dependentes de produção para sempre.

Para manter todo esse sistema, *Sapiens* argumenta que somente a ideologia e a religião foram capazes de sustentar tantos esforços expedidos em troca da vivência. Porque a cooperação em geral foi para a opressão e para a exploração, com base em mitos que sustentam impérios e nações inteiras. “Estranhos foram capazes de cooperar graças a seus mitos partilhados”, conclui Harari.

Os próprios princípios universais existem exclusivamente na nossa imaginação. A democracia, o cristianismo e o capitalismo são ordens imaginadas e existem por que as pessoas acreditam nelas. Para que funcione, evidente, é preciso certa estratégia discursiva: não admitir que seja ordem imaginada; sempre defender como sendo algo objetivo; ou aceitar como sobre-humano. Ou ainda, nos termos do autor, jamais entender “a história como aquilo que alguns poucos fazem enquanto todos os outros estavam arando campos e carregando baldes de água”.

Aliás, as escolhas da história não são feitas em prol dos humanos. “Não há prova alguma que a evolução é para o bem-estar humano. Geralmente, as culturas são como parasitas mentais que surgem para tirar vantagens dos infectados em prol de uma classe ou categoria”.

Por fim, chegou a vez da revolução científica, em torno de 500 anos atrás. O marco foi o acontecimento que levou o ser humano à Lua. A partir desse ponto, a técnica e a tecnologia foram os carros-chefes para os rumos da sociedade. A guerra, a religião e o consumo também foram essenciais para a ciência, pois criaram os interesses e o contexto para que os estudos fossem financiados.

A consequência de tudo isso levou à sociedade dos excessos e do consumismo. Como exemplo, temos a obesidade que pode ser considerada uma espécie de dupla vitória do consumismo – primeiro se compra demais e se come muito; depois, gasta-se com dieta e por último com o problema de saúde, contribuindo maciçamente para o crescimento econômico.

Com isso, chegamos à nova ética – o consumismo, portanto. “Ela promete o paraíso sob a condição de que os ricos continuam gananciosos e dediquem seu tempo a ganhar mais dinheiro, e as massas deem rédea solta aos desejos e paixões – consumindo cada vez mais”. Mas, como temos certeza que em troca teremos o paraíso? A mídia faz o meio de campo.

Andressa Barrichelo

Paulo Venturelli reinventa endereços em seu mais recente livro ‘Bilhetes para Wallace’

A solidão se aprende contando os tijolos da parede, as tábuas do assoalho. Se a torneira pinga é sinal de alerta. Meçamos as vidraças com a saliva da língua. Empinemos pandorga no espaço do banheiro. De grau em grau a solidão oferece erínias camufladas nas cortinas. Que a gente faça uma laguna entre os braços. Presta atenção, ali no centro aparece um par de olhos. São negros, são rutilantes. Têm um efeito da lua em noite de bruxa e mariposa. Não é mais possível cantar, ouvir ópera, preparar uma omelete. Um passo será dado: vamos escolher de que viga balance o último laço. [p. 90]

Cartas de amor supõem a existência de uma correspondência. *Bilhetes para Wallace* [Kotter Editorial, Curitiba, 2017], embora resgate a essência dos envios poéticos de amor, é obra que, já no título, demarca uma zona de solidão na qual cabe ao leitor estabelecer uma interlocução entre as vozes presentes e aquelas apenas pressentidas.

Bilhetes são artifício que se deixa a alguém para que sejam lidos na ausência de quem os redige. Portanto, o título também antecipa qual esforço estará implicado: a arte de entregar palavras de amor sem retorno – seja o sem retorno aqui lido como aquilo de que não se pode voltar atrás ou como a ausência de réplica.

O enredo do livro, aliás, parece tratar da réplica, resposta, possível do personagem narrador Paulo Lima Peccarelli para a questão do abandono. Tendo como ponto de partida um “introito” por meio do qual se pretende contextualizar de onde partem as palavras que o leitor encontrará nas páginas seguintes, a prosa poética de Paulo Venturelli nos mantém do início ao fim numa zona híbrida para a qual as explicações e justificativas racionais oferecem pouca ou nenhuma serventia.

A perda, na abertura da obra, é representada pelo fim de uma relação que durou 17 anos com Joaquim e, no corpo [da obra], é convertida no anunciado desenlace precoce da relação do personagem cinquentão com Wallace, o jovem michê. A repetição do que é mal-sucedido, privação e danação é o que permite a criação de um paralelo capaz de propiciar ao leitor a reflexão a respeito de quais podem ser, numa vida, as presenças e ausências mais ou menos produtoras de desamparos, não havendo referenciais prévios que possam dar conta de dimensioná-las.

Dificuldades para dimensionar – ou qualificar – são, aliás, comuns na obra. Afinal, serão de amor [ou de quanto amor] as palavras que encontramos desafiadas? Na relação com o corpo e com o outro se torna mais difícil a cada página definir calibres e limites entre ternura e lascívia, desejo e dependência, beleza e escárnio, real e fantasia. Quanto do que é dito se trata de uma experiência vivida na carne pelo personagem narrador e qual a parcela do que fica relegado à ânsia e ao delírio? Qual o limite entre a paixão e a obsessão?

Reduzidas ao essencial na forma e conteúdo, como boa definição do que sejam bilhetes, as páginas parecem abrigar a luta de um homem que se mantém vivo movido por sentimentos que não encontram outra ordem de expressão senão a tentativa de serem colocados em palavras que, elas mesmas, copulam e geram mais e mais escritos cuja coerência está situada na própria desordem. Na expectativa de uma grande tragédia – gerada pela verborragia do personagem narrador que desce do tom orgástico à frigidez das súplicas –, o leitor é levado a se deparar com as pequenas tragédias diárias: o desejo pelo sexo ausente, a saudade, a exasperação dos conflitos internos.

A subjetividade que é sustentada pelas palavras do personagem narrador coloca em questão o que, afinal, define a nossa permanência no mundo dos vivos: os sinais vitais ou a pulsão que, situada num território distante da materialidade do corpo e do espaço, se liga ao desejo e nos permite seguir adiante [por razões das mais puras e singelas às mais abjetas].

Paulo Venturelli constrói um personagem que, demasiado humano, parece depositar o sentimento do mundo em um jovem – que, também protagonista, não sabemos se ingênuo ou matreiro. Em livre associação, remeto a expressão sentimento do mundo à obra do poeta Carlos Drummond de Andrade. Se no poema “Os ombros suportam o mundo”, Drummond afirma que “chegou um tempo em que a vida é uma ordem”, as escrituras poéticas de Venturelli subvertem quaisquer imperativos de transcurso inerte pela rotina. Porque dói o amor, o inútil, o corpo; as mãos permanecem inquietas a tatear cavidades e lembranças e é lícito se ausentar da vida, ao menos da vida cotidiana, em nome de outro universo.

Do início ao fim de *Bilhetes para Wallace* não se desaprende o sofrer que, em diferentes tons, oscila suas fisgadas. A assepsia também fica de fora do texto que não economiza referências que exaltam o corpo masculino e as suas vicissitudes, da delícia ao enigma, passando algumas vezes pela estranheza, mas nunca pelo horror.

Ancorada em personagens potencialmente pouco complexos [uma vez que não há aprofundados descritivos biográficos ou relativos a traços de caráter], a narrativa torna impossível ao leitor determinar de que forma os homens inventados por Venturelli sentem e agem na vida uns dos outros e qual papel, afinal, desempenham – o que resulta em uma aura de mistério e em uma lista imaginária de hipóteses.

Os bilhetes destinados a Wallace serão, afinal, a conversão do sentimento de abandono em uma hipersensibilidade para as experiências das quais e com as quais se pode gozar? Um convite a que, em tempos difíceis, façamos do limão uma limonada sem que nada nos seja prometido?

Paulo Lima Peccarelli é figura que bem representa a condição na qual em certa medida todos nos encontramos em tempos de encontros pela internet, perante os quais a decisão de não comparecimento é cada vez mais uma decisão unilateral de sumiço do que um acordo de rompimento.

Rompimento, aliás, é palavra que evoca a ação que Venturelli faz em termos literários ao conceder ao corpo masculino o estatuto de entidade que inspira as artes, o ser idílico e amado, ainda que de forma imaginária, pelo poeta.

Embora percorra o romântico e o barroco, Venturelli cria personagens que são capazes de contracenar com ônibus, cantinas, tortas de chocolate e filas de banco. Homens, mais ou menos experienciados, capazes de contracenar à luz do dia na penumbra de suas intimidades.

De forma não tradicional, Venturelli narra uma relação frágil e ao mesmo tempo vigorosa que tem sua força no embate físico, amoroso e sexual – no embate entre velhice e juventude, carne e espírito, sim e não – na expectativa de que fora do tempo [ou do corpo do livro] possa, depois de tudo, permanecer a leveza de uma brincadeira com as convenções e com o corpo [das palavras].

Diana Joucovski

Composição

A música era para o Renato, meu antigo namorado. Sofreu um acidente de carro no Mato Grosso e quase perdeu o braço, mas infelizmente tiveram de amputar dois dedos (o mindinho e o que vem antes dele, que ninguém lembra o nome).

Me disseram que Renato era um nome muito anos 80, e que no máximo meu pai se chamaria Renato, nunca um rapaz de vinte anos. Daí trocamos para Matheus. Substituímos Matheus por “baby” no refrão. E, no refrão, ninguém quer ouvir sobre um acidente de trânsito a não ser que seja do Smiths, então modificamos pela viagem do Matheus pela estrada. Mas uma estrada para o Mato Grosso não teria cara de hit, já uma estrada para São Paulo...

No fim, adicionamos uma parada num posto de gasolina em Atibaia e uma girl pedindo carona, para dar aquele clima wild. E um pouco de sacanagem, você sabe, em homenagem aos fingers do Renato original.



Preços especiais para jornalistas e acadêmicos!

transcrisantos@gmail.com
(41) 99602-0337

SANTOS

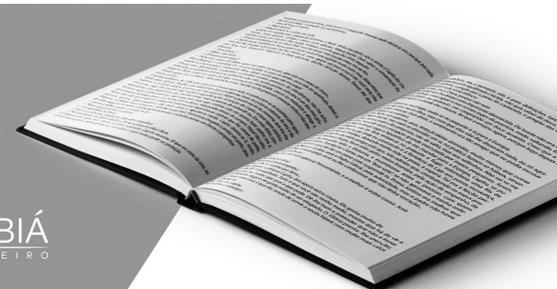
TRANSCRIÇÕES & TRADUÇÕES

Entre em contato pelo Whatsapp e nós ligamos pra você, em qualquer lugar do Brasil!

Assine e receba um livro de Literatura Brasileira Contemporânea todo mês!

49^{,90}

sabialivreiro.com.br



A grana do vizinho é sempre mais verde

Quero revelar um caso que aconteceu na FLIP do ano passado. “Opaaaaaaaaaaaaa”, assanha-se a plateia do gargarejo. Por favor, mantenha sempre sua expectativa baixa com esta coluna. É a única maneira de ela brilhar. Afinal, o assunto aqui é economia (acho). “ECONOMIA E FLIP, UUUUUUUUUUhhhh”. Levante sua calça, senhor, este é um jornal pudico.

Sinto decepcionar. Não é nada envolvendo a programação oficial ou um grande nome da literatura. Ao contrário. Estava eu na produção da Casa do Papel, uma loucura praticada pela Lote 42 (aka minha editora) e outros parceiros, na FLIP. Em meio à pré-produção das mais de 130 horas de programação gratuita do espaço, entrei numa lanchonete. Tocava uma música do Linkin Park no recinto.

Depois de requisitar um pão de queijo, comentei à atendente que Chester Bennington, vocalista da banda, havia cometido suicídio um ou dois dias antes. A moça ficou surpresa com a informação.

“Como é possível, né? Tanto dinheiro e ainda assim se mata”, comentou de bate-pronto.

Interrompa seu julgamento imediato

Dureza essa visão de mundo. Não é por uma pessoa ter grana ou ser famosa que a vida vira um mar de rosas. Em suas pesquisas sobre felicidade, o psicólogo húngaro Mihaly Csikszentmihalyi (diga três vezes bem rapidinho esse nome na bilheteria da Cinemateca para pagar meia-entrada) estudou a relação dos índices de felicidade com riqueza e constatou que uma coisa não influencia a outra. Atenção escritores: esse sujeito de nome complicado desenvolveu a teoria do flow, um estado de consciência de foco extremo. Aconselho dar uma olhada e buscar essa chave.

Vamos agora ao outro lado do balcão. Para quem trabalha feito bicho, situação comum entre empregados deste país, está mais é louco para ganhar uma bufunfa, mandar tudo às favas e passar

o resto dos dias tomando banho de sol na Ilha do Pelado. O sonho é ir para o outro oposto, abraçar uma letargia física e mental com tudo pago em barras de ouro (valem mais do que dinheiro, segundo me ensinou Silvio Santos). E, no final das contas, isso não é lá tão distante do desejo dos que querem viver de literatura no Brasil.

Embora reclame, quem tem mais de três meses de trampo com arte no Brasil já sacou que a vida é dura para quem está na parte debaixo dessa pirâmide. Em compensação, a gente se diverte, trabalha com algo suave em termos de esforço braçal e isso faz a conta bater sem calculadora, intuitiva e sentimentalmente.

Não dá para levar a vida na ponta do lápis. Aquilo que o dinheiro não consegue comprar parece valer a pena e a arte está alojada nesse endereço. Curioso que, apesar desse entendimento, a relação arte x dinheiro não é simples, conforme tenho insistido desde a edição passada.

Chola mais

Na caminhada de uma editora independente é muito comum que os polos magnéticos grana e trabalho exerçam sua influência. Os obstáculos na publicação de um livro podem ser resolvidos por

pagando ou suando.

Qualquer escritor pode comercializar seu próprio livro. Não tem saco? Vai ter que pagar alguém para fazer isso por ele. Uma livraria, por exemplo, pode cobrar 50% do preço de capa. Se ficar achando que a distribuição do livro vai se resolver sozinha, sem labutar e/ou remunerar ninguém, provavelmente teremos (mais) um caso de livro encalhado num armário.

Claro que não é 100% uma das opções. Durante a editoração de um livro as soluções costumam ser misturadas. É uma questão de gradiente, do ponto em que o pêndulo para. Mas um dos lados tem um poder claríssimo em relação ao outro: o fator tempo favorece quem resolve pela grana. Não entendeu? Dê um zoom in nessa questão. Faça o movimento de pinça com os dedos no papel jornal e perceba como lidamos constantemente com a relação tempo no consumo do dia a dia. O amigo não quer plantar a própria comida? Compre (o verbo é esse) no supermercado. Precisa ir de Curitiba a Paranaguá? Caminhe. Quer velocidade? Quanto? Quem sabe o ideal seja fabricar uma bicicleta — diversos ciclistas fazem isso e reforço que estamos numa era em que qualquer tutorial do YouTube está bastante acessível. Demora mais do que já comprar pronto,

claro. Ou você pode optar pelo óbvio: comprar uma passagem de ônibus. Dinheiro sobrando e tempo faltando? Pegue um helicóptero.

Ninguém fora de um hospital psiquiátrico faz esse tipo de raciocínio no cotidiano. A relação consumista está instalada com relativa folga entre nós, por maiores as incoerências e hipocrisias que ela carrega.

Senhores passageiros, à sua direita poderão ver que estamos passando diante de um monumento clássico da economia, aquele cuja placa diz “tempo é dinheiro”. Pouca gente percebe que no verso da placa está a inscrição “e vice-versa”.

E esse é o ponto final do passeio deste mês. Não perca, na próxima edição, conheceremos as vantagens de se fazer com pouco e a importância de se apoiar editoras independentes brasileiras.

AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA, vai cair em contradição, após desdenhar o dinheiro vai mendigar para vender livros da Lote 42 e cair em contradição e AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA.

Calma, guri. Se você continuar babando desse jeito, o editor do **RelevO** vai ser forçado a colocar uma tarja preta na capa, restringindo assim a distribuição do jornal somente àqueles que dispõem de prescrição médica. A mensalidade do plano de saúde está em dia?



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com

www.editorapenalux.com.br
facebook/penaluxeditora
- de 50 mil curtidas
PenaLux
Envio de originais:
originais@editorapenalux.com.br

Caminhamos para o sexto ano de atividades com mais **500 títulos** no catálogo, reunindo autores de todas as regiões do país, com abrangência em diversos temas, estilos e gêneros.

Publicamos contos, crônicas, poesia, romance, acadêmicos, traduções de clássicos e também literatura estrangeira contemporânea.



Niels Hav

Epigram

You can spend an entire life
in the company of words
not ever finding
the right one.

Just like a wretched fish
wrapped in Hungarian newspapers.
For one thing it is dead,
for another it doesn't understand
Hungarian.

*Trad. Matheus Peleteiro
e Edivaldo Ferreira*

Epigrama

Podes passar uma vida inteira
em companhia de palavras
sem que encontre
a adequada.

Tal como um peixe miserável
embrulhado em jornais húngaros.
Por um lado, está morto,
por outro, não entende
húngaro.